Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Sexta-feira 9.9.2022 / Diário / Ano 158.º / N.º 56 024 / €1,90 / Diretora Rosália Amorim / Diretor adjunto Leonídio Paulo Ferreira / Subdiretora Joana Petiz

O adeus à Rainha

A VIDA E A OBRA DE UM REINADO DE 70 ANOS

Isabel II e Filipe, duque de Edimburgo, na chegada a Portugal. Em Alcobaça, os estudantes de Coimbra estendem as capas à passagem de Sua Majestade e o *Diário de Notícias* estava lá, em 1957.

Destacável de 8 páginas para guardar

ENTREVISTA DN-TSF

"AO INVÉS DE O GOVERNO CEDER DINHEIRO, REDUZIR A CARGA DE IMPOSTOS, COMO IRS E IVA, SERIA MAIS EFICAZ." NO IRC, A CIP PEDE "DESCIDA DE DOIS PONTOS PERCENTUAIS", DIZ O PRESIDENTE, ANTÓNIO SARAIVA

PÁGS. 4-6

TAXAS DE JURO

SUBIDA PODE AGRAVAR A PRESTAÇÃO DA CASA ATÉ 150 EUROS

PÁG. 17

ENERGIA

PLANO DE POUPANÇA VALERÁ MAIS 5% NO CORTE DE CONSUMO DE GÁS

PÁG. 18

GRÁTIS HOJE

Isabel II com o príncipe Filipe recebidos em 1957 em Lisboa pelo Presidente da República, Craveiro Lopes, numa fotografia do arquivo do DN, considerado tesouro nacional.

EDITORIAL

Leonídio Paulo Ferreira

Diretor adjunto do Diário de Notícias

A Rainha

Entre os milhares de fotografias do arquivo do DN, há uma de 1957 que se destaca pela elegância das personagens, também pelo simbolismo de mostrar a monarca britânica a desembarcar em Lisboa, capital de um Portugal aliado do seu país desde o século XIV. Isabel II tinha então 30 anos e a recebê-la no Cais das Colunas está o Presidente Craveiro Lopes, um marechal, de chapéu bicórneo. O príncipe Filipe, no seu uniforme de oficial da Marinha, também consta, e o Tejo surge pejado de embarcações, incluindo o iate real *Britannia*. Desde que em 1992 comecei aqui a trabalhar, e a ouvir todo o tipo de histórias sobre um jornal fundado no século XIX, essa fotografia foi tema de conversa constante, e republicada sempre que a ocasião justificava. Mas curioso mesmo é que para a referirmos basta dizer a foto da Rainha em Lisboa. Sim, simplesmente da Rainha, não da rainha de Inglaterra ou da rainha Isabel II.

É verdade que as monarquias escasseiam hoje no mundo, mas mesmo na Europa há ainda algumas rainhas. E, no entanto, Isabel II é, era, a Rainha. Para os britânicos e resto dos seus súbditos mundo fora, do Canadá à Austrália, mas também para os portugueses e muitos outros povos. Claro que o peso histórico do Império Britânico, que ainda existia quando ela foi coroada, conta muito nesta proeminência, mas é indesmentível que a própria personalidade da rainha Isabel II explica boa parte dessa popularidade além-fronteiras. Mesmo um republicano não pode deixar de notar a dignidade daquela mulher. E a serenidade.

O republicanismo tem fraca expressão no Reino Unido, tirando o caso da Irlanda do Norte. Mesmo os independentistas escoceses nunca deixaram de sublinhar que Isabel II seria a rainha caso o referendo de 2014 tivesse desfeito a união vinda do século XVIII. Aliás, é enorme a ligação dos Windsor à Escócia e foi em Balmoral, a sua residência escocesa, que a monarca ontem morreu, com 96 anos. Creditar-se Isabel II pela solidez da instituição monárquica é em certa medida justo – leia-se as biografias várias ou veja-se a série *The Crown*, mesmo com a dose de ficção – mas será redutor resumir o legado de uma dinastia, de uma sucessão de dinastias, a uma pessoa.

Carlos, o quase eterno príncipe Carlos, agora rei, merece ter o seu espaço, para impor a sua marca. O maior desafio será a Commonwealth. A mãe, nos bastidores, muito lhe terá ensinado, seja a lidar com primeiros-ministros – foram 15 no seu reinado de sete décadas –, seja a relacionar-se com um povo que na esmagadora maioria nunca conheceu outro monarca. E William, ou Guilherme como se deveria dizer por respeito à tradição dos nomes reais, passa a ser o herdeiro do trono, o novo príncipe de Gales.

Nascida sem grandes perspetivas de ser rainha, foi a abdicação do tio Eduardo VIII em 1936 que pôs nesse caminho uma Lilibet de apenas dez anos, filha mais velha de Jorge VI, o inesperado novo rei. Mas se a preparação para ser monarca começou tarde, tal não se notou, diga-se. Deixa muita saudade esta Rainha, aos seus súbditos, mas muito além disso.

OPINIÃO HOJE

9.9.2022

Diretora Rosália Amorim **Diretor adjunto** Leonídio Paulo Ferreira **Subdiretora** Joana Petiz **Secretário-geral** Afonso Camões **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira e Artur Cassiano (adjunto) **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Céu Neves e Fernanda Câncio **Editores** Ana Sofia Fonseca, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil,João Pedro Henriques e Nuno Sousa Fernandes **Redatores** Ana Meireles, Carlos Nogueira, César Avó, David Pereira,Isaura Almeida, Paula Sá, Susete Francisco, Susete Henriques, Susana Salvador e Valentina Marcelino **Fecho de edição** Elsa Rocha (editora) **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Maria Helena Mendes, Lília Gomes, Rafael Costa e João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Joana Petiz (diretora) **Evasões** Pedro Ivo Carvalho (diretor) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Mafalda Inácio, Carlos Nogueira, Paula Sá, Susete Francisco e Rui Frias **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de agosto de 2022: 6.619 exemplares.

António Saraiva
"O governo não está a ser ágil, já passaram seis meses e continuamos à espera do próximo Conselho"

ENTREVISTA DN-TSF "O Estado tem almofada" para ir além nos apoios sem descurar as contas certas, defende o presidente da Confederação Empresarial de Portugal. Diz que é preciso ter "fé" para acreditar nas previsões de crescimento de 6,4% este ano e está preocupado com a falta de ajudas para empresas.

ENTREVISTA **ROSÁLIA AMORIM E PEDRO CRUZ (TSF)** FOTOS **PAULO SPRANGER/GLOBAL IMAGENS**

Com a inflação nos 9% e os preços da energia e do gás a subir, o governo anunciou um pacote para as famílias, mas as empresas esperam pelas decisões do Conselho de Ministros. Ainda com os efeitos da pandemia, chegou a guerra, e a retoma esperada para 2022 acabou desfeita por causa da invasão da Ucrânia. É neste ponto em que estão as famílias e as empresas. António Saraiva analisa o estado da Nação.

O plano apresentado pelo governo para as famílias, para combater a inflação, surpreendeu-o?

Sim, surpreendeu-me sobre dois aspetos: porque contém algumas medidas que são, na nossa perspetiva, positivas e, por outro lado, ficando aquém daquilo que poderia ter sido lançado. Recordo que estamos com o efeito de duas pandemias, os efeitos da covid-19 ainda não estão ultrapassados, assim como os efeitos da guerra. Estes dois efeitos conjugados mereciam que os governos, nomeadamente a nível da União Europeia, tivessem tomado mais cedo um conjunto de medidas. É certo que alguns já o fizeram – a Alemanha já vai no terceiro pacote de medidas –, Portugal lançou agora este às famílias e ainda estamos à espera que se lance o primeiro para as empresas. Surpreendeu-me nalguns aspetos, nomeadamente na questão do IVA, mas também na pouca dimensão e alguma engenharia política que foi feita com os números. Não vale a pena chorar sobre leite derramado, mas vale a pena dizer que qualquer coisa é melhor que nada, no entanto, o governo poderia e deveria ter sido mais ambicioso nestas medidas.

O Presidente da República disse que "é um plano equilibrado, mas não ambicioso". Em que é que o governo podia ter ido mais longe?

Poderia ter, ao invés de ceder dinheiro que não vai a consumo, ajuda a minorar este efeito da inflação, mas seria através da redução da carga de impostos, como o IRS e o IVA, nomeadamente nos produtos alimentares. A redução de impostos e do IVA nalguns bens essenciais seria, para mim, bem mais útil e atingir-se-ia melhor os objetivos de ajudar a minorar estes efeitos. Os 125 euros que vão ser dados rapidamente se gastam porque a inflação, veremos qual será o seu comportamento, mas este ano estará situada nesta ordem dos 9%. Independentemente desta medida minorar os efeitos, seria muito mais durador e eficaz se fosse através de uma redução na carga fiscal.

> *"Ainda estamos à espera que se lance o primeiro pacote para as empresas. O das famílias surpreendeu-me na questão do IVA, mas também na pouca dimensão e alguma engenharia política que foi feita com os números."*

Considerando a conjuntura nacional e internacional, o governo poderá ser obrigado a abrir mais os cordões à bolsa e, eventualmente, apresentar um segundo plano?

Admito que sim, até porque se nos recordarmos do que foi feito lá atrás na resposta tardia e insuficiente nos montantes para a covid-19, o governo timidamente lançou um determinado montante e depois foi revendo para cima, cada vez que constatava a dureza da situação. Não deixou de terminar também timidamente, mas em montantes um pouco maiores do que quando foi iniciado e acabou por, na comparação com outros Estados-Membros, comparar mal. Isto é, outros Estados-Membros afetaram partes maiores do seu produto do que Portugal afetou e, por isso, à semelhança daquilo que foi a resposta à covid-19, admito que tenha de vir um segundo plano. Infelizmente, a situação de guerra mantém-se e os efeitos covid, provavelmente, terão uma nova onda com a chegada do inverno e, portanto, admito que o governo poderá ter de lançar novas ajudas.

Hoje realiza-se o Conselho de Energia extraordinário e António Costa estará a aguardar essas conclusões para definir os apoios. Era preciso esperar por esta reunião para dar uma palavra às empresas?

Não, no nosso entendimento não seria necessário porque, repito, outros Estados-Membros que sofrem igualmente com estes aumentos, mas já apresentaram os seus pacotes para as famílias e para as empresas. Não vejo que o Conselho Europeu venha a trazer para Portugal medidas que o governo não pudesse já ter dado para mitigar o impacto sobre o aumento da energia e estancar esta espiral inflacionista em que nos encontramos. A União Europeia não vai, seguramente, trazer conforto diferente para Portugal e não antevejo que fosse preciso esperar por este Conselho para mitigar o impacto em relação às empresas, já deveria ter sido feito. Estamos nisto há seis meses, somando à crise ainda presente da covid-19, e por isso era mais que tempo para que o governo ágil, atento e ouvinte das várias propostas que temos feito, já pudesse ter reagido.

Deduzo, pelas suas palavras, que o governo não está a ser ágil?

Deduz muito bem, porque não está a ser ágil, já passaram seis meses e continuamos à espera do próximo Conselho. De facto, é surpreendente que assim seja.

Os custos da energia são a principal preocupação dos empresários, bastam ajudas nessa área ou desta vez os empresários vão exigir a tão falada, mas nunca aplicada, descida do IRC?

Os brutais custos com a energia são o principal problema, a par de um outro que temos na Europa que é a falta de mão-de-obra. O impacto do aumento dos custos de energia não é a única preocupação para as empresas, porque mesmo a logística de um contentor que vinha de Xangai para Roterdão a preços aceitáveis, por exemplo, aumentou 528%. Temos também escassez de algumas matérias-primas e a imprevisibilidade das entregas pela interrupção das cadeias de abastecimento. Os custos energéticos são os que estão a causar mais efeitos negativos nas tesourarias das nossas empresas e, por isso, é o que desejaríamos ver acautelado numa primeira resposta.

Vão pedir ou não a descida do IRC?

Vamos continuar coerentemente a solicitar a descida do IRC, até para compararmos em termos de atratividade fiscal para o investimento externo que é tão necessário, mas também para a promoção do investimento privado em Portugal. Vamos continuar a solicitar essa redução, eventualmente em dois pontos percentuais, e cada ponto percentual, pelas nossas contas, rondará 100 milhões de euros. Isto não é matemático, mas recordo que na primeira vez em que se reduziu a taxa nominal de IRC – reforma que foi conseguida no governo de Pedro Passos Coelho –, a arrecadação de receita aumentou. Portanto, estamos a falar de uma redução de receita do Estado que poderá ser compensada por uma ativi-

Pode complicar, desde logo, em três dimensões, começando pela dimensão individual dos cidadãos, porque aqueles que tenham empréstimos têm hoje um esforço de dívida aumentado e uma gestão apertada da sua tesouraria individual. Em segundo lugar, as empresas, igualmente as que estejam alavancadas em dívida, têm uma pressão enorme sobre as suas tesourarias. E o Estado português, atendendo à dívida pública e às taxas de juro crescentes, faz parte destas três dimensões. Empresas, famílias e Estados endividados, qualquer pressão no aumento dos juros faz perigar a capacidade de honrar os compromissos.

E fará perigar também as previsões do governo de crescimento de 6,4% este ano? Face à conjuntura, acredita nessas previsões?

O senhor ministro das Finanças terá os seus indicadores que serão, seguramente, mais malha fina do que aqueles que temos, mas a verdade é que o investimento público cresceu zero por cento até julho, relativamente ao mesmo período de 2021. De acordo com o orçamento, aumentaria 43% este ano, mas se até julho não cresceu, diria que é preciso termos fé e alguma esperança para que assim seja. Mas, como disse, seguramente o senhor ministro das Finanças tem indicadores que nós não temos e, apesar desta constatação, pode ser que isso aconteça. Espero que não seja preciso reforçar a fé em Fátima porque, de facto, com estes valores teremos mesmo de ter essa fé.

Medina garantiu também um défice orçamental que será o sexto melhor da Europa e uma dívida pública que ficará abaixo dos 120% do PIB. Face à gravidade de tudo o que estamos a viver, estará a opção política do governo no caminho certo ou está tão obcecado com as contas certas que encurtou em demasia as ajudas, na sua opinião?

O governo já tinha cortado muito as ajudas no âmbito da resposta à covid-19 porque, em comparação com outros Estados-Membros europeus foi o terceiro pior. Agora, caminhará eventualmente nesse sentido, o que não se desejaria, mas veremos qual será a dimensão do problema. Recordo que o Estado está com excedentes porque esta crise tem receitas extraordinárias, não apenas para as petrolíferas, mas também para o Estado português. A arrecadação de receita que o IVA tem permitido, dá uma almofada com que seguramente o senhor ministro das finanças estará a contar para agilizar estas ajudas e manter a sustentabilidade das contas públicas. A redução do défice é, naturalmente, uma batalha que o país deve perseguir, até porque com esta pressão inflacionista é bom que reduzamos a dívida e tenhamos défices aceitáveis. Mas claro que há excedentes que podem ser modelados de acordo com a dimen-

continua na página seguinte »

dade económica que responda positivamente, sendo que falamos de cerca de 200 milhões de euros. Continuaremos a lutar pela redução da taxa de IRC, mas não apenas pela taxa de IRC, porque temos também todo um outro conjunto de questões como as tributações autónomas. Aliás, temos apresentado ano após ano, estas propostas e continuaremos a insistir nelas, mas também insistiremos no report dos prejuízos fiscais porque não faz sentido que as empresas estejam a acumular prejuízos sem que possam fazer esse report.

Que expectativa tem em relação às medidas que possam conter os preços do gás?

Temos consciência que estes brutais aumentos na ordem dos 680%, isto resulta de questões geopolíticas, e não é o Estado português sozinho que pode ultrapassar o problema. Pode mitigá-lo e, nesse sentido, solicitamos que o governo se articule com a União Europeia, mas que possa lançar medidas à nossa escala para mitigar este efeito. Por exemplo, através de garantias de Estado para empréstimos a contrair por empresas mais intensivas em energia, reforçar o Programa ApoiarGás, rever a portaria 140/22 para incluir outros setores intensivos em energia, o que não está a acontecer. E, depois, linhas de crédito específicas do Banco de Fomento que deveria começar a ser o veículo que promovesse estas linhas de crédito específicas para as empresas mais afetadas. Além disso, é necessária flexibilidade para ajustamento de custos ao PT2030, enfim, temos um conjunto de questões que apresentámos e temos vindo a insistir com o governo. Isto em conjugação com o acordo de competitividade e rendimentos que queremos celebrar com o governo em sede de concertação, com os cinco grandes eixos que definimos – política de rendimentos, eixos de competitividade incluindo o fiscal, pessoas e mercado de trabalho, coesão social e sustentabilidade –, permitirá uma política de melhoria de rendimentos gradual, evolutiva e sustentável.

“Estamos nisto há seis meses (...) era mais do que tempo para que o governo ágil, atento e ouvinte das várias propostas que temos feito, já pudesse ter reagido. O governo não está a ser ágil e continuamos à espera do próximo Conselho.”

Além dos custos com a energia, muitos empresários estão preocupados com o aumento do custo das portagens. Seria necessário, no seu entender, anunciar um teto para os aumentos?

O governo poderia lançar um conjunto de medidas para conter esta espiral inflacionista, porque há seguramente medidas que podem mitigar os efeitos, de acordo com a tipologia das empresas que prestam esses serviços. Se não estancarmos esta espiral teremos uma continuada pressão sobre os juros a nível europeu. E recordando as palavras de Christine Lagarde que dizia não antever a necessidade de aumentar juros, eles acabam de ser hoje, uma vez mais, aumentados em 0,75 pontos percentuais. Esta pressão da inflação sobre os juros é um duplo efeito para a economia porque, além destes custos, temos os juros de dívidas e contratos ameaçados pela inflação.

O BCE anunciou mais uma subida das taxas de juro com 75 pontos de base nesta altura, o maior aumento registado. De que forma pode este anúncio complicar ainda mais a situação económica dos portugueses?

» continuação da página anterior

são da necessidade. E aí, mais uma vez, é no quadro da União Europeia que se deveria encontrar formas de isentar algumas das regras europeias de ajudas de Estado e de outros critérios para libertar os Estados desses constrangimentos.

Quando comparamos as ajudas nacionais com as alemãs, francesas ou espanholas, percebemos que o pacote de 2,4 mil milhões de euros anunciados por Costa, fica muito aquém de outros países. Que medidas foram implementadas lá fora que podíamos importar para Portugal?

É sempre difícil fazer benchmark porque cada Estado-Membro tem a sua especificidade. Se falarmos de questões de energia, não é menos verdade que Portugal, e bem, tem vindo a perseguir a energia limpa, as energias alternativas, assim nos dessem totalidade de fornecimento para o consumo que precisamos. Sabemos que não são suficientes, ainda por cima neste período que temos vivido com a falta de vento e de água, o que é um problema enorme. Há países com determinadas especificidades, uns têm centrais nucleares, outros continuaram a produzir com carvão as suas energias elétricas e outros têm capacidades financeiras e de crescimento económico que Portugal não tem. Nalguns casos, há um pouco a história da formiga e da cigarra e Portugal tem de encontrar no quadro da realidade atual formas de gerar crescimento económico e é aí que comparamos mal. Não gerando o crescimento que outros Estados têm vindo a gerar, temos hoje ativos e debilidades que outros não têm. Gostamos de nos comparar com a Alemanha em termos salariais e de produtividade, mas depois já não nos queremos comparar nos pacotes de ajuda às famílias e empresas. Num *benchmark* bem feito, julgo que há variáveis que podíamos decalcar, mas a palavra-chave reside em melhorarmos a nossa produtividade, melhorarmos os fatores de produtividade e gerarmos crescimento económico. É esse crescimento económico que nos permitirá ombrear com os países que referiu.

Marcelo Rebelo de Sousa já disse que um governo com maioria absoluta não é um governo sem problemas. É possível gerar consenso entre patrões, sindicatos e outros representantes na mesa da concertação social quando as posições são tão extremadas?

Sim, diria até que é desejável. Uma maioria parlamentar dá, aparentemente, estabilidade política para que se definam políticas e estratégias para o crescimento de que precisamos.

Porque é que diz que dá estabilidade aparentemente?

Porque já não é a primeira vez que, independentemente das maiorias, acontecem fenómenos que por

"Ao invés de ceder dinheiro seria preferível a redução da carga de impostos, como o IRS e o IVA, nomeadamente nos produtos alimentares. A redução de impostos e do IVA nalguns bens essenciais seria bem mais útil e atingir-se-ia melhor os objetivos."

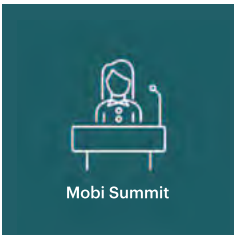
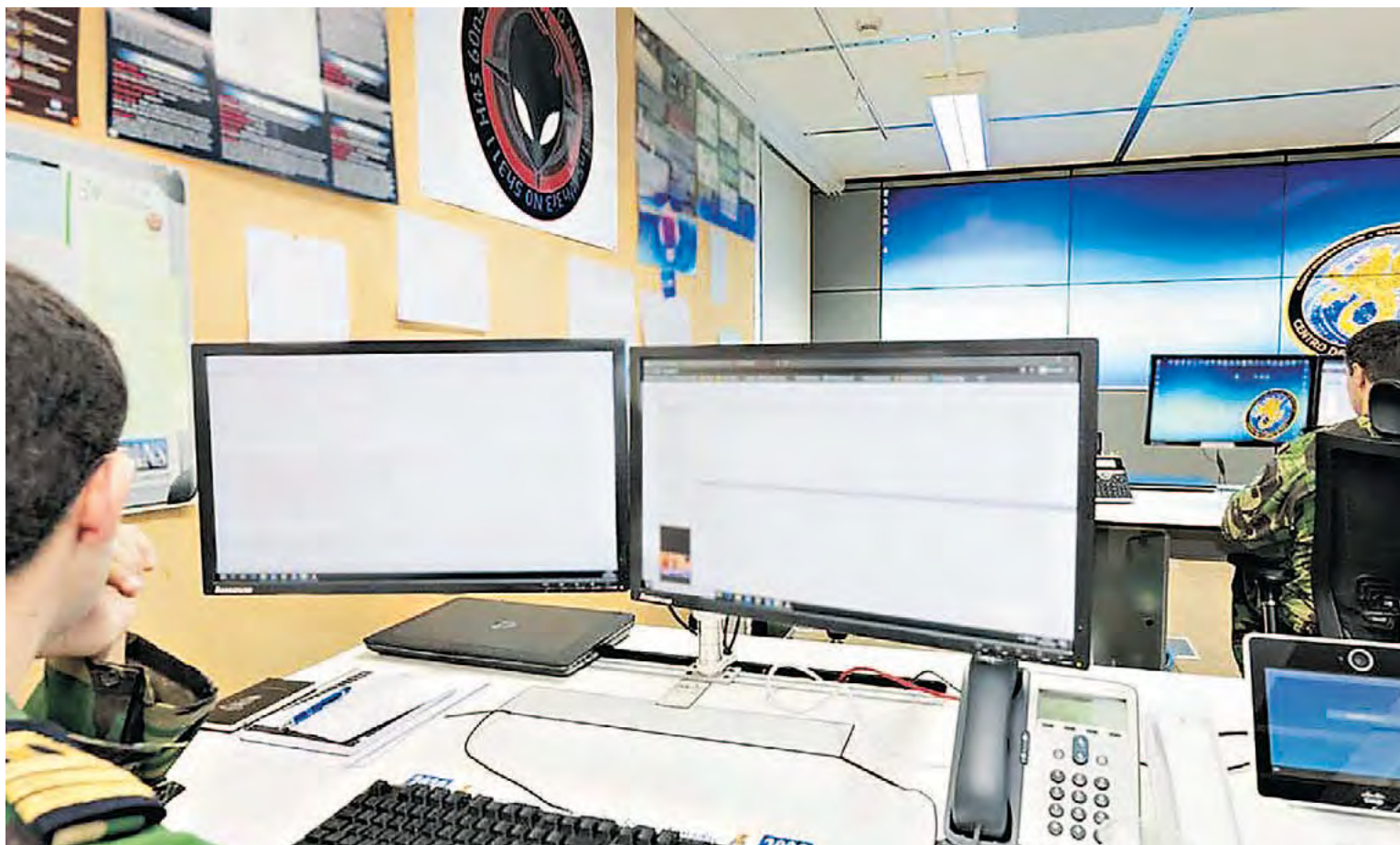
"Não vejo que o Conselho Europeu venha trazer para Portugal medidas que o governo não pudesse já ter dado para mitigar o impacto do aumento da energia e estancar a espiral inflacionista."

exaustão e fatores inesperados, os governos não terem a solidez da sua manutenção e desenvolverem-se outras alternativas por acordos político-partidários. Digo que é aparente porque já vivemos diversas realidades e não podemos deixar de admitir todas as possibilidades.

Posso ler do cuidado que teve a escolher as palavras que, de alguma forma, antecipa que este governo possa não terminar a legislatura?

Não, não antecipo e não desejo porque estabilidade é uma palavra-chave para os empresários e para a atividade económica. Mas, com os anos de vida e experiência associativa que tenho, já assisti a diversas realidades e, por vezes, a vida gera fenómenos inesperados. É apenas dessa perspetiva realista de a vida poder surpreender-nos que admito, mas não antevejo nem desejo. Relativamente à sua pergunta sobre a concertação, há dois pilares para a estabilidade de um país: a estabilidade política – que temos com a maioria absoluta –, e a estabilidade social que deve ser obtida em sede de concertação. Temos os parceiros sociais, os patronais, os sindicais e o governo e é nessa triangulação que se deve encontrar o acordo de competitividade e rendimentos com os cinco eixos que referi anteriormente. Com este acordo de competitividade para a legislatura, teremos melhoria dos fatores de competitividade e melhoramos gradualmente os salários. Digo uma legislatura porque negociámos de forma fatiada e para o ano, com o grau de imprevisibilidade da inflação nos mercados e nos custos energéticos, é um horizonte temporal muito curto, daí um acordo de legislatura. Desejaria que todos os parceiros sociais, sem exceção, subscrevessem esse acordo, independentemente das matérias que queiram lá incluir, mas que nesta negociação possamos ter um acordo que dê essa estabilidade.

Dentro da sala de reuniões de concertação social, a tensão é grande entre patrões, sindicatos e governo ou, em geral, há um clima de confiança entre as partes?

Nem sempre é assim, embora não deixe de haver uma tensão maior num tema ou noutro porque a visão que uns e outros têm da economia e do crescimento económico é diferente. Cada organização tem a sua tese e defende aqueles que lá está para defender e o governo, enquanto moderador na maior parte dos casos, vai tentando conciliar pontos de vista. A tensão dentro de portas não é tão grande quanto alguma "teatralização" que às vezes se faz parecer, porque a política – até a associativa –, necessita de alguma teatralização para que mais enfaticamente se possam defender os pontos de vista. Dentro de portas há a confiança que os anos e o conhecimento pessoal daqueles que são os representantes das entidades vão adquirindo, bem como o respeito que temos pelas organizações e por todos os indivíduos.

O investimento na ciberdefesa não foi cumprido pelo EMGFA: apenas 27,2% do orçamento foi executado.

Ciberataque na Defesa: "Esperamos que este caso não seja um Tancos 2"

SEGURANÇA Pelo menos quatro crimes graves podem estar em causa no ciberataque contra a Defesa Nacional que expôs documentos secretos da NATO, mas os militares não chamaram a PJ.

TEXTO **VALENTINA MARCELINO**

"Espero que não estejamos perante um Tancos 2, porque se pode repetir o esconder de responsabilidades que sucedeu nesse processo. Aqui o caso tem gravidade acrescida por implicar a segurança de Portugal e da Aliança Atlântica, num difícil contexto da guerra da Ucrânia. Estão claramente em causa, pelo menos, crimes informáticos e crimes contra o Estado, que de acordo com a Lei de Organização da Investigação Criminal são da competência de investigação da PJ e é incompreensível que não tenha sido chamada. Aguardamos que as autoridades judiciárias nos esclareçam sobre este assunto e temos direito a esse esclarecimento porque o alarme é óbvio", declara o constitucionalista Jorge Bacelar Gouveia, presidente do Observatório de Segurança, Criminalidade Organizada e Terrorismo (OSCOT).

Espionagem, violação do segredo de Estado, acesso ilegítimo a sistema informático (Lei do Cibercrime) e acesso indevido (Lei da Proteção de Dados Pessoais) são os crimes que podem ter sido cometidos no ciberataque que atingiu o Estado-Maior-General das Forças Armadas (EMGFA) e o Ministério da Defesa Nacional (MDN). Um ciberataque "prolongado e indetetável", que, conforme o DN noticiou, terá resultado na exfiltração de "centenas" de documentos classificados NATO, secretos e confidenciais e a exposição de parte deles para venda na *darkweb*. O governo terá sido avisado pelos serviços de informações dos EUA.

Tudo crimes da competência de investigação da Polícia Judiciária (PJ) que, no entanto, não foi informada da situação, apesar de o caso ser há várias semanas do conhecimento de várias entidades. Pelo menos do próprio primeiro-ministro, António Costa (que terá sido o primeiro a ser informado, pela embaixada norte-americana em Lisboa), da ministra da Defesa, Helena Carreiras, do secretário de Estado para a Digitalização, Mário Campolargo, do Chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas, almirante Silva Ribeiro, do diretor-geral do Gabinete Coordenador de Segurança (GNS), vice-almirante Gameiro Marques, do diretor-geral do Serviço de Informações Estratégicas de Defesa (SIED), Carlos Lopes Pires, e do diretor-geral do Serviço de Informações de Segurança (SIS), Neiva da Cruz, que reuniram mais do que uma vez nas últimas semanas para acompanhar o caso. "No limite, todas as pessoas que tiveram conhecimento do ciberataque e não o comunicaram às entidades competentes, DCIAP e PJ, podem também incorrer em crime de denegação de justiça e prevaricação", sublinha ao DN fonte judicial.

> No limite, todas as pessoas que tiveram conhecimento do ciberataque e não o comunicaram às entidades competentes, DCIAP e PJ, podem também incorrer em crime de denegação de justiça e prevaricação.

Esta fonte adianta que, "além do crime de espionagem, por se poder tratar de um ataque com origem em forças estrangeiras, o facto de poder ter sido facilitado por alegada quebra de procedimentos de segurança para a transmissão destes documentos, pode configurar sucessivas violações do segredo de Estado. É preciso investigar o que aconteceu e quem autorizou que os procedimentos definidos não fossem cumpridos".

O DN questionou a PJ e a Procuradoria-Geral da República sobre se tinha sido ou iria ser instaurado algum inquérito-crime, mas não obteve resposta até ao fecho desta edição.

70% das verbas por gastar

A agravar a situação, o investimento na estrutura de Ciberdefesa no EMGFA – que deve prevenir e anular este género de ataques na Defesa – tem sofrido reveses numa altura em que os ciberataques foram declarados como a maior ameaça à segurança em Portugal, tal como a todos os países que se opuseram à invasão da Ucrânia pela Federação Russa. De acordo com o relatório de execução da Lei de Programação Militar (LPM), em 2021 apenas 27,2% do orçamento previsto para a Ciberdefesa foi executado (1,3 de 4,8 milhões de euros).

"No ano de 2021 a concretização dos objetivos ficou aquém do planeado em termos de indicadores e respetivas metas a atingir. O desenvolvimento da capacidade de Ciberdefesa em termos de recursos humanos teve em 2021 uma evolução pouco significativa em função das restrições impostas no âmbito da pandemia, bem como à escassez de recursos especializados existentes nas FFAA, refletindo-se nos 45% de lotação preenchida no Centro de Ciberdefesa (CCD)", reconhece o MDN. "Fatores exógenos à capacidade de gestão do EMGFA", que teve uma execução orçamental de apenas 29%, "fundos disponíveis atribuídos ao EMGFA" que "não permitiram a assunção de compromissos de cerca de 65% (5,4 milhões) das dotações inicialmente disponíveis" constituíram, assim, "um forte constrangimento à execução financeira da LPM, obrigando, entre outras medidas, à decisão de suspensão de aquisições programadas nos projetos das capacidades de Comando e Controlo (afetando os projetos da Rede Fixa de Comunicações Militares) e da Ciberdefesa".

Numa reportagem feita pelo DN no Centro de Ciberdefesa, em 2019, Gouveia e Melo, ex-coordenador da *task force* da vacinação e atual chefe do Estado-Maior da Armada, era então adjunto de Planeamento e Coordenação EMGFA, responsável pela estratégia de ciberdefesa e por este Centro. A ambição era que fosse criado um ciberexército com cerca de 100 militares, mas ainda só tem pouco mais de meia centena.

Nessa altura, a Defesa tinha acabado de sofrer outro ciberataque que atingiu o sistema de correio eletrónico de militares e civis no Ministério da Defesa Nacional.

valentina.marcelino@dn.pt

Ministro das Finanças ainda não contratou um substituto para o cargo que foi oferecido a Sérgio Figueiredo.

Deputados rejeitam audição a Medina sobre contratação de Sérgio Figueiredo

FINANÇAS PS chumbou dois requerimentos dirigidos a Fernando Medina. PCP fala em "falta de vontade política" para resolver problemas.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

A Comissão de Orçamento e Finanças chumbou o requerimento do Chega para ouvir o ministro das Finanças, Fernando Medina, na sequência da anunciada, mas não concretizada, contratação de Sérgio Figueiredo para serviços de consultoria no ministério. O requerimento, votado ontem, foi chumbado com os votos contra do PS e do PCP. PSD e a Iniciativa Liberal apoiavam a pretensão do Chega, o partido proponente.

Antes da votação, os deputados referiram que na próxima semana (dia 14), o governante terá uma audição regimental, onde se poderá explicar em relação a este assunto, com o PSD a insistir na importância de Fernando Medina vir a público explicar a contratação que afinal não aconteceu.

A polémica, recorde-se, surgiu no mês passado, quando foi noticiado que o ministério tutelado por Fernando Medina teria contratado Sérgio Figueiredo – ex-jornalista e ex-administrador da EDP – como consultor estratégico para prestar serviços de avaliação e monitorização do impacto de políticas públicas. O contrato seria celebrado por ajuste direto, vigoraria durante dois anos, e daria a Sérgio Figueiredo um vencimento mensal base (5832 euros) mais alto do que o do próprio Fernando Medina (4767 euros). Ao que se sabe, Sérgio Figueiredo não ficaria ainda sujeito a um regime de exclusividade.

Com a contratação a ser escrutinada pela opinião pública, as notícias começaram a surgir e soube-se então que a proximidade entre o ministro das Finanças e Sérgio Figueiredo já remontava aos tempos em que Medina era autarca de Lisboa. Que, por exemplo, em 2020, a Câmara lisboeta contratou uma empresa de Sérgio Figueiredo para organizar um plano de comunicação de promoção das compras de Natal no comércio local, então severamente afetado pelos impactos da pandemia. Outro dos temas polémicos foi o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, no valor de 350 mil euros, a um evento organizado pelo filho de Sérgio Figueiredo.

Toda esta sequência de notícias acabou por levar o antigo jornalista e ex-administrador da EDP a desistir do cargo (para o qual não há ainda um substituto) e o Chega usou-a como argumento para justificar o requerimento chumbado na Comissão de Orçamento e Finanças.

Também ontem, o PS chumbou outro pedido de audição a Fernando Medina, desta feita para inquirir o ministro sobre o fecho de 23 balcões da Caixa Geral de Depósitos. E, à semelhança do requerimento do Chega, os esclarecimentos foram remetidos para a audição regimental de dia 14. Após a votação, o deputado comunista Bruno Dias acusou o PS de "falta de vontade política" para discutir os problemas do país. Na passada quarta-feira, o grupo parlamentar do PSD já tinha remetido uma pergunta a Fernando Medina, em que elencava sete questões que pretendia ver esclarecidas, exigindo ao governante explicações sobre esta situação.

rui.godinho@dn.pt

BREVES

Fogos. Apoios a zonas afetadas na próxima semana

As medidas de apoio para compensar os danos causados pelos incêndios na serra da Estrela e nos concelhos onde arderam este ano mais de 4500 hectares ou 10% da sua área serão apresentadas na próxima quinta-feira, informou o governo. "Na reunião do Conselho de Ministros [ontem] foram apresentados os relatórios dos prejuízos e iniciou-se a discussão de um conjunto de medidas, nas quais o governo continuará a trabalhar até ao próximo Conselho de Ministros, que avaliará e decidirá sobre as medidas a implementar", revelou o Ministério da Coesão Territorial, em resposta à Lusa. De acordo com o ministério as comissões para o efeito já compilaram o levantamento efetuado por várias entidades da Administração Central Desconcentrada "dos danos causados pelos incêndios ocorridos até 31 de agosto, o qual será muito em breve comunicado aos autarcas".

PR evoca papel de Pitta e Cunha na adesão europeia

O Presidente da República manifestou-se "chocado" com a morte do professor catedrático Paulo de Pitta e Cunha e recordou-o como "um grande paladino da adesão de Portugal às comunidades europeias". "Ainda chocado com a notícia de hoje [ontem], o Presidente da República, que se encontra no Brasil, evoca o Professor Doutor Paulo Pitta e Cunha, seu antigo professor na Faculdade de Direito de Lisboa e que também lecionou na Universidade Católica, apresentando sentidas condolências a toda a família", lê-se numa nota publicada no site oficial da Presidência. Considerando Paulo Pitta e Cunha como "um grande paladino" da adesão de Portugal às Comunidades Europeias e do Direito Europeu, Marcelo Rebelo de Sousa conclui a nota dizendo: "O seu antigo aluno, reconhecido, presta-lhe pública homenagem".

Opinião
Miguel Romão

As minhas cuecas e a nossa TAP

No momento em que escrevo estou de facto numa situação de especial vulnerabilidade: é o meu quinto dia numa viagem de sete dias sem as minhas cuecas, e sem tudo o resto, aliás, daquilo que é habitual colocar-se numa mala para se viajar uns dias, tendo confiado esse transporte à TAP. Comprei cuecas novas, entretanto, mas arrasto ainda, com algum pudor, para além de uma fatura de cuecas, uma imensa vergonha pelo serviço prestado por essa TAP, que os portugueses, pela via do governo, entenderam recomprar, um mistério igualmente interior e nunca descrito com precisão, qual cueiro sujo e meio ajustado, num fraco elástico, à nossa realidade.

Já tenho, no entanto, uma relação especial com a senhora que me atende todos os dias, com benévola paciência, o telefone, invariavelmente após o almoço, quando ligo a saber da situação desta bagagem despachada de quatro pessoas que nunca chegou, num voo direto da TAP, de apenas duas horas de duração e na Europa. Ela diz-me sempre a verdade, a verdade que lhe darão de Lisboa em cada dia, o que não é um serviço universal e comum: ou não sabe quando chega ou pode vir no dia seguinte. Na verdade, a mesma verdade. Uma espécie de verdade do atual serviço TAP: ou não existe ou pode vir a existir. Eventualmente. E ninguém sabe o que vai acontecer, porque isso faz parte da incerteza inerente à condição humana, e contratos de transporte ou a decência mínima no serviço prestado são excrescências burguesas.

Não invejo a atual administração da TAP: assumiram – porque quiseram, é certo – uma coisa que é um absurdo de serviço e de falta da assunção básica de contratos. Começa logo na chegada ao aeroporto de Lisboa. Mesmo chegando duas horas e meia antes do voo, um voo simples na Europa, e com *check-in* pré-feito online, a fila para entregar as malas chega já à rua, centenas de passageiros numa estúpida e desnecessária fila, sem apoio da companhia na quantidade necessária e na sua eficácia. Felizmente não chove – nem há, ainda, luar. Não há uma capacidade mínima da TAP para atender devidamente os seus clientes? Resolvei! São pagos para isso – dois mil milhões de euros de dinheiro dos contribuintes nestes últimos tempos, segundo consta. Parece que a única coisa com que se preocupam é em vender muitos bilhetes e não despenhar aviões. Acho bem esse desiderato, mas podem só também assegurar que quem os ocupa é minimamente tratado quando tenta chegar ao seu lugar a bordo?

É certo que o aeroporto de Lisboa seguramente não facilita. Entendeu a ANA, quando privada, construir um centro comercial onde antes existiu um aeroporto, com a complacência de todos nós. O resultado é que estão 100 passageiros em espera por algo pelo qual já pagaram, no mesmo espaço, nos mesmos metros quadrados, em que zero clientes ocupariam a loja da Tumi. Longe de mim dizer mal da Tumi – como sabemos, são as melhores malas de viagem alguma vez feitas, com um material não sei quê da NASA, e posso comprová-lo pessoalmente (é, aliás, bastante deprimente: ganhamos cabelos brancos e frisos de pele encarquilhada, mas as malas da Tumi estão sempre na mesma, por mais que sofram e o tempo passe...). Mas, de vez em quando, um aeroporto tem de ser também um aeroporto e não apenas um centro comercial meio suburbano. A TAP parece não se incomodar com isso, infelizmente.

Foi preciso eu passar vários anos de muitas viagens para ficar sem malas ao chegar ao destino. A única vez que tal me aconteceu antes foi após alguns voos, na Aeroflot, que até eu reputaria como suspeitos, como sucedeu às autoridades russas, entre Yerevan e Kiev, via Moscovo, em 2006. E, mesmo assim, a mala chegou-me 24 horas depois. É preciso, portanto, muita paciência e algum humor para viajar hoje na TAP, esse conglomerado de base histórica de *prime donne* no cockpit e de filhas de família sem grande jeito para estudar como tripulação de cabina.

Mas, aceito, pode isto ser só um desabafo de um homem circunstancialmente sem as suas cuecas – graças à TAP.

Professor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

Opinião
Sebastião Bugalho

Uma bala de canhão na maioria absoluta

Os falantes de língua inglesa têm uma expressão que resume na perfeição a semana de António Costa. "*He's too clever by half*", isto é, ele é demasiado esperto por metade. A expressão, frequentemente empregue na análise política, aplica o humor britânico à habilidade do jogo democrático. Ele *é demasiado esperto por metade*, no sentido em que lhe faltou a segunda metade da esperteza para convencer os destinatários desta. Na apresentação das medidas sociais contra os efeitos da inflação, o primeiro-ministro foi, verdadeiramente, *too clever by half*. Depois de meses a negar propostas que incentivassem a procura por risco de espiral inflacionista ("esta é uma crise da oferta!", diziam), o governo chegou a setembro com uma redistribuição do excedente fiscal que faz justamente isso. Munido de cheques para jovens e famílias até aos 2700 euros, o dobro do salário médio nacional, antecipou metade do aumento das pensões de 2023 e prometeu proteger o poder de compra dos reformados no próximo ano. Para primeira metade da esperteza, nada mal. A segunda, todavia, pecou por ausência.

Ao rever a fórmula de atualização das pensões, o governo estará a cortar cerca de 3,5% nas pensões, o equivalente a cerca de 600 milhões por ano – coincidentemente, o mesmíssimo valor que a ministra das Finanças de Passos Coelho, em 2015, apontava como necessário para garantir a sustentabilidade da Segurança Social. O primeiro problema? É que nem António Costa nem os seus ministros, ao contrário de Maria Luís Albuquerque, o assumiram. O segundo problema? É que toda a gente percebeu.

A subida das taxas de juro, o contexto de inflação, uma dívida pública entre as maiores da zona euro e uma economia de baixos salários tornavam esta crise extraordinariamente difícil de gerir para qualquer governo português. Para o Partido Socialista, reeleito há menos de nove meses com uma maioria absoluta, acresce-se outra dificuldade. A composição eleitoral que tem suportado o seu consecutivo sucesso nas urnas depende de um pilar imprescindível: os pensionistas. No equilíbrio entre contas certas e popularidade, entre responsabilidade orçamental e manutenção de poder, nenhum outro grupo – excetuando a Função Pública – é tão determinante para o PS. Ao mascarar um corte na evolução das pensões com um brinde pontual e ter sido apanhado a fazê-lo, o primeiro-ministro disparou um tiro no porta-aviões que é a sua maioria absoluta. O seu eleitorado, que está há mais de dez anos a ouvir falar de Passos como papão de pensões, viu em direto toda a imprensa e toda a oposição a denunciar que, afinal, Costa também se prepara para fazê-lo.

Com menos de nove meses de terceiro governo e uma supremacia parlamentar para os próximos quatro anos, Costa tinha mais do que mandato e apoio para reunir a Concertação Social, a opinião pública, o maior partido da oposição e o sempre presente Presidente em torno da sua "reforma" da Segurança Social. Tinha inclusivamente tempo para recuperar popularidade caso esta se ressentisse. O PSD, agora liderado por rostos da era passista, pouco teria a dizer contra a poupança. Indexar as pensões à inflação faria disparar o défice e prejudicaria o acesso de um país já endividado aos mercados. Passos sabia-o, Costa sabe-o e qualquer um – independentemente da retórica envolvente – o saberia.

Mas o primeiro-ministro fez o oposto disso. Não chamou ninguém, não negociou com ninguém, não ouviu ninguém, não disse sequer nada a ninguém. Deixou o corte nas entrelinhas, rapidamente expostas pela comunicação social e denunciadas pela esquerda que antes o apoiou. O primeiro-ministro poderia ter mostrado a coragem de dizer a verdade, falar diretamente aos portugueses e defender a responsabilidade da sua medida. Acabou por passar por desonesto, minando a sua relação com um eleitorado que merecia uma explicação e a quem muito deve.

No altar do populismo, Costa sacrificou o mais valioso dos bens de um líder durante uma crise: a credibilidade. Foi ela que manteve Zelensky vivo, contra um monstro militar 28 vezes o seu tamanho. Foi ela que derrubou Boris, dono da maior maioria absoluta dos conservadores desde 1987. E é dela que o primeiro-ministro português sentirá a falta nos tempos que aí vêm.

Inegavelmente, os portugueses confiaram em António Costa em janeiro de 2022. Nove meses depois, António Costa não confiou suficientemente nos portugueses para lhes dizer a verdade.

Colunista

Opinião
Bruno Bobone

O Fisco, em Portugal, está contra os portugueses

Passámos de o contribuinte ter sempre razão para o contribuinte nunca ter razão. Foi uma revolução da eficiência, segundo me dizem, pois, o Fisco, que no passado era muito pouco eficaz nas suas cobranças, passou a ter muito melhores resultados.

Pois eu estou convencido que não.

Acredito que foram dados passos muito positivos relativamente ao trabalho desenvolvido pelas estruturas da Administração Tributária, tanto no comportamento das suas equipas como no investimento digital que foi realizado, que tiveram efetivamente esse resultado.

Penso também que alguma evolução da digitalização e simplificação de processos no Estado, terá tido esse impacto.

Aquilo que me recuso a aceitar e que não está de maneira nenhuma provado, é que faltar ao respeito ao contribuinte e destratá-lo seja a forma de atuar de uma autoridade, seja ela tributária ou outra.

Neste momento, o sentimento geral é de que as equipas que trabalham na administração fiscal têm como objetivo a maximização das receitas fiscais, quando o seu objetivo e responsabilidade deve ser a correta tributação dos contribuintes, independentemente de isso os levar a uma maior ou menor receita.

A preocupação com a receita deve ser da exclusiva responsabilidade dos dirigentes políticos que a devem determinar aquando da elaboração dos orçamentos.

E deve ser assim porque estes serão sempre responsabilizados pelo contribuinte nas eleições seguintes.

Se é necessário aumentar a despesa, porque o governo pretende aumentar os gastos, isso deve ser assumido publicamente e a responsabilidade deve ficar com quem o decide.

Aos serviços que têm a responsabilidade de aplicar a legislação em vigor, compete garantir que aquilo que é tributado é exatamente aquilo que está previsto pela lei.

Quer isto dizer que é responsabilidade da AT, no caso de encontrar um contribuinte que não reclamou um determinado benefício fiscal, que lhe era devido, avisar o contribuinte de que deve alterar a sua declaração para que possa ter acesso às condições que a lei lhe oferece e contribuindo assim para que haja justiça na participação de cada um na contribuição para o Orçamento de Estado.

Segundo sei, isto é o que se passa em países como a Suíça ou Reino Unido, em que quando um contribuinte recebe uma carta da Autoridade Tributária não fica de imediato à beira de um ataque de nervos, pois a nossa experiência é de que, mesmo quando temos razão, a responsabilidade de o provar é nossa.

A forma com que nos abordam nas missivas que nos enviam é desde logo indicativa do tipo de consideração que têm pelo contribuinte.

Uma notificação de trânsito em Portugal começa assim: "Fica o arguido abaixo identificado de que é acusado da prática do facto a seguir descrito…".

Em Espanha, a mesma notificação: "Na qualidade de responsável da viatura com que foi cometida a infração…".

A resposta recebida, quando existe um erro de tributação é sempre dada com um tom de agressividade e sempre sem qualquer pedido de desculpa, ainda que durante o processo de reclamação tenham sempre a postura de que nunca erram e de que estão no pleno direito de tirar a qualquer português aquilo que lhes dê na gana.

A reforma da Autoridade Tributária, no sentido de não deixar de cobrar aquilo que lhe é devido é, sem qualquer dúvida, um serviço em prol da melhor forma de viver em Portugal e uma questão de justiça.

A busca de maximizar a receita fiscal através do maltrato do contribuinte e a desclassificação no tratamento que lhe é dado é, em si mesmo, uma injustiça e uma enorme falta de consideração.

> **"Neste momento, o sentimento geral é de que as equipas que trabalham na administração fiscal têm como objetivo a maximização das receitas fiscais.**

bruno.bobone.dn@gmail.com

Marta Temido participou pela última vez no Conselho de Ministros.

ANTÓNIO PEDRO SANTOS/LUSA

Governo acelera substituição de Marta Temido na Saúde

SAÍDA Aprovação em Conselho de Ministros da nova direção executiva do SNS, que ainda "prendia" Temido, foi antecipada uma semana. Novo ministro deverá ser anunciado em breve.

TEXTO **SUSETE FRANCISCO**

Uma semana antes da data prevista, o governo aprovou ontem o decreto de criação da nova direção executiva do Serviço Nacional de Saúde (SNS), no ato de despedida de Marta Temido da pasta que liderou durante quase quatro anos. A antecipação do diploma deverá também acelerar a nomeação de um novo titular na Saúde, que poderá ocorrer já nos próximos dias, previsivelmente depois do regresso do Presidente da República – em visita ao Brasil por ocasião das comemorações do bicentenário da independência –, e que estará de volta a Lisboa este sábado.

Na despedida, na habitual conferência de imprensa após o Conselho de Ministros, Marta Temido desejou "a melhor sorte" ao seu sucessor e garantiu que continuará a "servir" o SNS, agora de "outras formas". Questionada sobre as razões da saída, e a permanência no lugar já na condição de demissionária, a ainda titular da Saúde remeteu explicações para a nota que emitiu na noite da demissão, no final de agosto, acrescentando apenas: "Tenho continuado a trabalhar e a servir o meu governo e o meu país, como fiz até agora, grata por esta oportunidade que tive. Naturalmente, tendo a plena consciência de que há ocasiões em que avaliamos também aquilo que é o nosso contexto pessoal e em que avaliamos as condições para prosseguir o caminho. Foi isso que fiz neste momento". Já sobre a designação do futuro diretor executivo do SNS, Marta Temido avançou que será feita por "resolução do Conselho de Ministros sob proposta da área da saúde" e deverá passar também pelo crivo da CRESAP (Comissão de Recrutamento e Seleção para a Administração Pública). Um "novo momento", que já será da responsabilidade do seu sucessor.

E não disse muito mais. Sucessivamente questionada sobre a sua saída e sucessão, foi a ministra da Presidência que se adiantou na resposta – "em articulação com a senhora ministra da Saúde". Primeiro, Mariana Vieira da Silva explicou assim a permanência da ministra no governo após a demissão: "[Marta Temido] colocou o seu lugar à disposição, o primeiro-ministro entendeu que era importante que este passo ficasse fechado. Tem a ver com o momento e com a urgência das respostas que temos que dar. Há aqui uma decisão coletiva do governo". Depois, repetiu que a sucessão cabe "ao senhor primeiro-ministro em articulação com o senhor Presidente da República". Dada a resposta pela ministra da Presidência, Marta Temido foi-se escusando a tomar a palavra.

> Marta Temido desejou "a melhor sorte" ao seu sucessor à frente do Ministério da Saúde e garantiu que continuará a "servir" o SNS, agora de "outras formas".

Direção do SNS "em pleno" em janeiro de 2023

Sobre o decreto aprovado em Conselho de Ministros, Mariana Vieira da Silva adiantou que direção executiva do SNS deverá estar em "pleno funcionamento em janeiro de 2023", a par da entrada em vigor do Orçamento do Estado. Uma garantia que surgiu depois de questionada sobre o anunciado encerramento ao exterior do bloco de partos da maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa. "A informação que temos é que já não existe nenhum constrangimento" na maior maternidade do país, referiu a ministra da Presidência, afirmando que este é o tipo de situações que deverá ter resposta da futura direção executiva do SNS. Logo no início do *briefing*, Marta Temido tinha afirmado que esta nova estrutura visa dar resposta à "necessidade de uma maior coordenação operacional das respostas assistenciais". "Um dos fatores críticos para o sucesso desta direção executiva é a sua relação com as outras unidades do sistema de Saúde", como a administração central dos sistema de saúde ou os serviços partilhados do SNS, explicou, pelo que a nova lei "detalha a forma e as sedes próprias para a articulação".

susete.francisco@dn.pt

Os possíveis sucessores

Na lista de possíveis sucessores de Marta Temido perfilam-se vários nomes. É o caso de Fernando Araújo, médico de 56 anos (especialista em imuno-hemoterapia) que dirige o Centro Hospitalar Universitário de São João. Não sendo militante socialista, foi secretário de Estado adjunto e da Saúde no primeiro governo de António Costa, de novembro de 2015 a outubro de 2018 (com Adalberto Campos Fernandes como ministro). Fernando Araújo tem assumido, mais recentemente, uma posição crítica da gestão do Serviço Nacional de Saúde. Outro nome apontado como ministeriável é Raquel Duarte, médica pneumologista do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho, com formação académica em Saúde Pública e Economia da Saúde. Raquel Duarte foi também secretária de Estado da Saúde no primeiro governo de António Costa, mas já no consulado de Marta Temido. Integrou a equipa que apresentou as propostas de desconfinamento ao governo, durante a pandemia de covid-19. Também médico, mas neste caso saído das hostes socialistas, surge igualmente a hipótese de Manuel Pizarro, atualmente deputado ao Parlamento Europeu. Situação semelhante é a de António Lacerda Sales, médico e militante socialista (foi cabeça de lista por Leiria nas últimas legislativas), atual secretário de Estado Adjunto e da Saúde, no que seria uma solução de continuidade face ao mandato de Marta Temido.

Diretora-geral da Saúde reitera segurança das vacinas adaptadas

COVID-19 Graça Freitas assegura que as novas vacinas adaptadas à variante Ómicron são "excelentes" e apela ao envolvimento e adesão "natural" ao reforço da vacinação em Portugal.

A diretora-geral da Saúde, Graça Freitas, reiterou a segurança das novas vacinas adaptadas que estão a ser utilizadas na campanha de vacinação contra a covid-19 que começou na quarta-feira.

"Fiquem completamente tranquilos: estas vacinas atuais são tão seguras como as anteriores. Toda a base da vacina é exatamente a mesma, tem mais um componente que está adaptado às variantes que estão a circular neste momento e essa é a mais-valia que tem. Em termos de segurança, é excelente e, em termos de eficácia, já tem componentes para as sublinhagens da variante Ómicron que está a circular neste momento", afirmou.

Em declarações à margem de uma visita ao centro de vacinação covid-19 na freguesia da Ajuda, em Lisboa, a responsável da Direção-Geral da Saúde (DGS) mostrou-se confiante numa adesão crescente das pessoas, depois de um dia inicial desta nova campanha sazonal com números aquém dos agendamentos. No entanto, invocou duas razões para os cidadãos não faltarem aos respetivos agendamentos.

"Primeiro, porque quando as pessoas são chamadas é porque é a altura ideal para serem vacinadas e ficarem protegidas; segundo, nós mobilizamos muitos recursos: médicos, enfermeiros, bombeiros e pessoas que ajudam ao processo. Agendamos para um determinado nível de trabalho, ficamos à espera das pessoas e temos de ter em consideração que os recursos devem ser bem utilizados", disse.

Graça Freitas visitou ontem centro de vacinação da Ajuda, em Lisboa.

Depois de dois anos em que a pandemia foi o foco da sociedade, outros temas mais ligados à economia e a questões sociais parecem concentrar agora as atenções. Graça Freitas não descartou o peso de "outras preocupações", mas enfatizou que esse facto e uma menor atividade epidemiológica do coronavírus SARS-CoV-2 não devem significar uma menor adesão.

"Queremos que as pessoas adiram a esta vacinação de forma natural. Apesar de estarmos numa fase de aparente acalmia, isso deve-se à vacinação. O vírus continua a circular, nós é que estamos mais protegidos. Se consideramos que em cada outono-inverno é necessário o reforço sazonal, é porque é quando estes vírus têm melhores condições para se propagarem. Temos de continuar a vacinar-nos e fazer isto com toda a naturalidade", explicou.

Para Graça Freitas, o recente fim da obrigatoriedade do uso da máscara em transportes públicos e farmácias foi recebido com normalidade, sublinhando que é necessário "perceber cada momento e adequar as medidas", sem deixar, todavia, de admitir que pode haver a médio prazo novo regresso a medidas mais robustas de proteção.

A diretora da DGS apelou ainda ao envolvimento de toda a população na vigilância. **DN/LUSA**

Novas datas para foguetão lunar

A agência espacial norte-americana (NASA) anunciou ontem que tentará lançar pela terceira vez o novo foguetão lunar SLS em 23 ou 27 de setembro. De acordo com a NASA, em 23 de setembro a "janela" de lançamento para o voo de teste do SLS poderá abrir às 11h47 em Lisboa e a em 27 de setembro às 16h36. O SLS, de 98 metros de altura, é o mais potente foguetão da NASA com o qual os Estados Unidos pretendem levar novamente astronautas para a órbita da Lua, em 2024, e para a sua superfície em 2025. Apenas astronautas norte-americanos, 12 ao todo e todos homens, pisaram a Lua. A última vez foi em dezembro de 1972. Problemas técnicos (fugas de combustível e falta de arrefecimento de um motor), impediram a descolagem a 29 de agosto e a 3 de setembro.

EPA/CRISTOBAL HERRERA-ULASHKEVICH

Algarve quer tornar Dieta Mediterrânica em "âncora" para desenvolver a região

APOSTA Reconhecida pela UNESCO como Património Imaterial da Humanidade em 2013, Tavira estuda formas de potenciar a distinção.

A inovação associada à Dieta Mediterrânica deve ser explorada para ajudar a dinamizar o tecido económico do Algarve, em áreas como a cultura, a saúde ou a alimentação, defendeu ontem o presidente da Comissão de Desenvolvimento Regional do Algarve. José Apolinário participou, em Tavira, no Seminário Saúde, Alimentação e Dieta Mediterrânica, onde afirmou que esta vertente da cultura da bacia do Mediterrâneo tem sido falada "só do lado da Cultura", mas que é preciso ao mesmo tempo "enfatizar o tema da saúde e alimentação", potenciando também o turismo.

"Temos falado de Dieta Mediterrânica só do lado da Cultura, e ela também é parte integrante deste projeto, mas é preciso focar o lado da saúde e da alimentação até para valorizar aquilo que é diferente", afirmou o presidente da CCDR do Algarve sobre este património imaterial da humanidade reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2013, considerando que a Dieta Mediterrânica deve ser a "âncora" ou o "chapéu" para os projetos do próximo quadro comunitário de apoio 2030 e sublinhando a necessidade de os produtos regionais serem desenvolvidos e promovidos neste âmbito, constituindo-se como "uma marca que diferencia" o Algarve.

"Quando o turismo promove iniciativas como o enoturismo, está a promover também a Dieta Mediterrânica e, muitas vezes, fala-se deste pacote do enoturismo e não se fala da Dieta Mediterrânica", exemplificou José Apolinário, sublinhando que a entrega de produtos regionais algarvios a turistas no aeroporto também "promove as características da região". A mesma fonte apontou ainda o projeto anunciado pela Comunidade Intermunicipal do Algarve de, num "esforço concertado entre todos os municípios, nas refeições escolares passar a haver produtos locais", frisando que, desta forma, se está também a promover este património imaterial. "Agora temos de dar um passo em frente, temos de atualizar o Plano de Salvaguarda [da Dieta Mediterrânica], reduzir o número de ações para poderem ser monitorizadas, ser mais ambiciosos e exigentes em relação a essas ações", antecipou.

> José Apolinário, da CCDR do Algarve, destaca projeto que dotará as refeições escolares de produtos locais.

Tavira é a comunidade representativa da Dieta Mediterrânica que liderou a candidatura a Património Imaterial da Humanidade e a presidente da Câmara, Ana Paula Martins, disse à agência Lusa que a abertura, ontem, da 8.ª edição da Feira da Dieta, assinala um regresso a um ponto alto das atividades relacionadas com este património, após um interregno de dois anos por causa da pandemia. "Na altura olhámos para a Dieta como projeto âncora para ajudar a promover o concelho e acho que acabou por acontecer. Estávamos no meio de uma crise em 2013, e acho que Tavira pegou nesse reconhecimento e usou-o para promover e dinamizar o seu tecido económico", considerou a autarca, frisando que na "fase inicial" o projeto se focou mais "na vertente da gastronomia, da promoção do território e da nossa cultura e identidade", e agora deve evoluir também nas áreas da formação e da criação de competências. A autarca afirmou que o seminário realizado ontem na cidade demonstra que "a multidisciplinaridade da dieta, esta associação à alimentação, à saúde, à prevenção de doenças, ou mesmo à agricultura, com práticas de cultivo mais sustentáveis e mais amigas do ambiente, poderá ser um fator muito importante" para "no futuro se diversificar a base económica da região".

O desenvolvimento de projetos culturais, o aproveitamento de recursos endógenos, como alfarroba e amêndoa, vão permitir aproveitar "este grande chapéu" da Dieta Mediterrânica para "desenvolver várias vertentes", complementando-as com a "atividade económica principal da região, o turismo, para que possam ser um cartão de visita para impulsionar atividades económicas à volta" deste património imaterial.

DN/LUSA

Gestão de crise. 300 novos bispos recebem formação

O Papa Francisco reuniu-se ontem no Vaticano com mais de 300 novos bispos que participam num curso anual de formação que, entre outros assuntos, abrange a gestão de crise com foco em abusos sexuais na Igreja. Neste curso de formação, os bispos são ainda instruídos na educação da liderança, no papel da Igreja na sociedade pós-moderna e após a pandemia de covid-19 ou nos media.

Em comunicado, o Vaticano esclarece que o curso anual para a formação de novos bispos, organizado pelo Dicastério para os Bispos, iniciou-se em 1 de setembro e está estruturado e dividido em duas sessões, a realizar no centro de estudos dos Legionários de Cristo. Após a missa de abertura, presidida pelo secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin, vários temas foram abordados durante as sessões de trabalho, incluindo temas como o significado e os horizontes de uma Igreja sinodal, educação de liderança sinodal, gestão de crises com foco em abusos sexuais, o papel da Igreja na sociedade pós-moderna após a pandemia e a experiência canónica para a administração de uma diocese.

Outros temas foram também abordados como "viver no mundo dos media para além do paradigma tecnocrático" e "as duas prioridades indicadas pelo Papa no caminho da Igreja: Família e fraternidade universal ou Santidade episcopal na comunhão católica.

Na primeira sessão participaram, entre outros, vários chefes de dioceses, e ontem o cardeal Marc Ouellet, responsável do Dicastério para os Bispos, presidiu a uma missa na Basílica de São Pedro, após a qual os participantes foram recebidos em audiência por Francisco.

Gaguez afeta cerca de 100 mil pessoas em Portugal e mais de 68 milhões de pessoas em todo o mundo.

PAULO JORGE MAGALHÃES / GLOBAL IMAGENS

Gaguez: Ainda há "um longo caminho a percorrer" contra o preconceito

SAÚDE Terapeutas da fala admitem que pessoas com gaguez "ainda vivem num mundo que não as entende" e pedem novas investigações e tratamentos para perturbações da fala.

TEXTO **INÊS DIAS**

"É como se alguém estivesse a caminhar sobre o gelo e perdesse o equilíbrio." Esta é a expressão utilizada por Gonçalo Leal, terapeuta da fala e cofundador do Centro de Tratamento de Gaguez, para descrever a perturbação da fala que afeta cerca de 100 mil portugueses e 68 milhões de pessoas no mundo.

Em conversa com o DN, Gonçalo Leal explica que a gaguez é uma condição que ainda exige investigação, podendo a sua causa ser determinada por diferentes fatores. No entanto, uma coisa é certa: ainda que "durante muito tempo se pensasse que a causa da gaguez seria emocional", os recentes estudos apontam que a gaguez é neurológica, estando "relacionada com alterações na forma como o cérebro processa a fala".

"Foram encontradas nas pessoas que gaguejam algumas alterações na fala em termos cerebrais. Portanto, hoje a gaguez é considerada uma característica neurológica e não algo emocional", frisa.

Nos casos mais comuns, a gaguez pode surgir muito cedo, começando a demonstrar-se entre os dois e os três anos de idade. Contudo, pode aparecer também até aos 12 anos e em idade adulta – ainda que neste último caso já exista uma "etiologia diferente da tradicional".

"O mais comum é aparecer em criança e depois seguem-se duas situações: ou desaparece – porque há muitos casos em que existe uma espécie de remissão espontânea na infância – ou então torna-se crónica e prossegue para a vida adulta", desenvolve.

"A gaguez está associada a uma sensação de perda de controlo, ou seja, a pessoa tem uma sensação interna de muito mau estar". Aliás, esta perturbação é marcada pela variabilidade: não é sempre igual. "Há alturas em que pode ser muito intensa e outras em que pode nem acontecer de todo. Por isso é que durante muito tempo se pensou que fosse uma questão emocional", esclarece Gonçalo.

> As pessoas com gaguez ainda são muitas vezes alvo de incompreensão. Logo, "temos ainda um longo caminho a percorrer enquanto sociedade para perceber esta e outras condições e para que as coisas se tornem mais fáceis", explica Gonçalo Leal.

Ainda que a gaguez não tenha causa emocional, de ansiedade ou nervosismo, pode impactar severamente o lado emocional, uma vez que "as pessoas com gaguez ainda vivem num mundo que não as entende e muitas vezes têm que lidar com o estigma, a incompreensão, o gozo e o *bullying* e isto sim pode desencadear uma perturbação por ansiedade".

"Até mesmo nas escolas pode ser complicado porque muitas vezes os professores não compreendem e sujeitam as crianças que gaguejam a momentos complicados", diz.

Gonçalo Leal considera que o preconceito em relação a esta perturbação "passa quase sempre pelo desconhecimento por parte dos outros e principalmente por não entenderem que a gaguez é algo que a pessoa não tem culpa nem controlo". Como terapeuta, já acompanhou dezenas de casos e garante que a gaguez não representa uma fragilidade emocional: "Pelo contrário, as pessoas com quem eu costumo trabalhar são pessoas bastante inteligentes, que têm uma resiliência fora do comum e que têm percursos de vida muito interessantes." Assim sendo, relembra que "temos ainda um longo caminho a percorrer enquanto sociedade para perceber esta e outras condições e para que as coisas se tornem mais fáceis".

As terapias que ajudam a lidar diariamente com a gaguez são baseadas "em exercícios para mudar a forma como o cérebro processa a fala". No entanto, já existem tecnologias que prometem revolucionar o futuro dos tratamentos de gaguez. Em vários países, incluindo Portugal, a realidade virtual já é atualmente utilizada para ajudar pessoas a lidar com situações de interação social. O protótipo *Speech Immersion Hub* do Centro de Tratamento de Gaguez é um dos exemplos, reforçando a qualidade das avaliações e tratamentos de gaguez.

Viver com gaguez

Gerald Maguire é um psiquiatra norte-americano que tem dedicado a sua vida à investigação da gaguez. A verdade é que vive com esta condição desde muito novo e tomou como missão encontrar respostas para este problema, tendo sido secretário-geral da *National Stuttering Association*.

Ao DN, Gerald partilha que, além de ajudar nos tratamentos da gaguez, sabe o que é viver com esta condição como ninguém. "Na escola pensava 'porque é que sou diferente?' e não entendia o porquê de as outras crianças conseguirem falar fluentemente e eu não. Mais tarde percebi que talvez isto fosse uma oportunidade para descobrir o que era diferente no meu cérebro e decidi estudar Medicina."

Gerald alerta que ainda há muito a ser feito quanto ao estudo e tratamento da gaguez: "Na faculdade, quando estudei várias condições cerebrais apercebi-me que não aprendemos nada sobre gaguez. E mesmo nos dias de hoje ainda não se sabe muito sobre este assunto. A gaguez tem sido muito ignorada".

Existe uma questão que persiste quanto à gaguez: "Poderá haver uma cura?". A isso Gerald responde que "por enquanto não". "Tal como na maioria das condições neurológicas, nós não curamos, mas tratamos. Conseguimos tratar a diabetes, a hipertensão ou a depressão? Sim, mas isso não significa que haja cura", justifica.

Para as pessoas que lidam diariamente com a gaguez, Gerald testemunha que é importante "continuar com esperança, porque novos tratamentos virão no futuro" e pede que "procurem sempre fazer terapia com profissionais da área que tenham uma mente aberta e que estejam a par das mais recentes investigações sobre a gaguez".

ines.dias@dn.pt

O famoso questionário Proust respondido pelo chef e proprietário do restaurante Aurora, **Vítor Veloso**

Um desgosto? "Nunca ter trabalhado num 3 estrelas Michelin"

A sua virtude preferida?
Ser prestável.

A qualidade que mais aprecia num homem?
Honestidade.

A qualidade que mais aprecia numa mulher?
Companheirismo.

O que aprecia mais nos seus amigos?
Lealdade.

O seu principal defeito?
Teimosia.

A sua ocupação preferida?
Filhos.

Qual é a sua ideia de "felicidade perfeita"?
Estabilidade financeira e saúde.

Um desgosto?
Nunca ter trabalhado num 3 estrelas Michelin.

O que é que gostaria de ser?
Fotógrafo.

Em que país gostaria de viver?
Japão.

A cor preferida?
Azul.

A flor de que gosta?
Rosa.

DR

O pássaro que prefere?
Águia .

O autor preferido em prosa?
Não tenho.

Poetas preferidos?
Não tenho.

O seu herói da ficção?
Não tenho.

Heroínas favoritas na ficção?
A minha mãe.

Os heróis da vida real?
A minha avó, a minha mãe e a minha mulher.

As heroínas históricas?
Joana D'Arc.

Os pintores preferidos?
Não tenho.

Compositores preferidos?
Hans Zimmer.

Os seus nomes preferidos?
Gabriel, Martim, Luísa e Lília.

O que detesta acima de tudo?
Traição e fígados.

A personagem histórica que mais despreza?
Hitler.

O feito militar que mais admira?
A disciplina.

O dom da natureza que gostaria de ter?
Fogo.

Como gostaria de morrer?
Em paz comigo mesmo e com o sentimento de que fiz tudo o que pude.

Estado de espírito atual?
Felicidade e preocupado com o futuro.

Os erros que lhe inspiram maior indulgência?
Errei tanto que é difícil nomear um, mas todos me fizeram aprender algo.

A sua divisa?
Nunca desistir, acreditar sempre no amanhã (Aurora).

Euribor a seis meses em 2% até final do ano. Prestações da casa vão agravar-se

JUROS Taxa de referência do BCE subiu para 1,25%. As Euribor vão continuar a aumentar e a penalizar as prestações de crédito à habitação. Um empréstimo de 150 mil euros pode vir a pagar quase mais cem euros do que agora.

TEXTO **JOSÉ VARELA RODRIGUES**

O Banco Central Europeu (BCE) anunciou ontem o maior aumento de sempre das taxas de juro diretoras (75 pontos base). Com as famílias a terem de lidar com o encarecimento dos alimentos e da energia, eis que se antecipa mais um aperto para quem tem crédito à habitação, pois a subida dos juros mexe com as Euribor, o que afeta diretamente a prestação da casa. Os analistas ouvidos pelo DN/Dinheiro Vivo preveem que a taxa Euribor a seis meses (a mais usada nos empréstimos para compra de casa) chegue aos 2% até ao fim do ano. Se isso acontecer, em alguns casos a prestação da casa pode aumentar em mais de 150 euros.

Segundo Filipe Garcia, economista e presidente da IMF, o mercado "desconta uma Euribor [a seis meses] perto de 2,25%" e é possível "que chegue perto dos 2,5% daqui a oito ou nove meses, e se mantenha nesses níveis".

Ontem, a Euribor a seis meses ia em 1,354%, menos 0,009 pontos do que no dia anterior. Filipe Garcia alerta que, antes do anúncio do BCE, as Euribor "já vinham a refletir" o aumento das taxas diretoras. Aliás, o BCE fez saber que prevê continuar a aumentar as taxas no curto prazo – pelo menos mais duas vezes . " O que continuamos a verificar é que o mercado tem vindo a incorporar uma aceleração da subida de taxas, mas que a taxa terminal deste ciclo não tem subido. Neste momento, espera-se que o BCE suba as taxas em mais 150 pontos base face aos níveis atuais, com o ciclo a terminar no final do primeiro semestre de 2023", sublinha Filipe Garcia.

O economista Pedro Lino, presidente da DiF Broker e Optimize, considera que "é expectável que a Euribor a seis meses atinja os 2% ainda antes do fim do ano, a refletir a subida dos juros nas próximas reuniões do BCE e a manutenção desta política em 2023".

NUNO PINTO FERNANDES/GI

Mais de 90% dos créditos à habitação em Portugal são de taxa variável e dependem da variação da Euribor.

O analista considera que o "impacto desta subida dos juros [anunciada ontem] foi residual, uma vez que os governadores do BCE adotaram um discurso mais agressivo nas últimas semanas, demonstrando uma alteração na sua postura relativamente ao ritmo de normalização das taxas de juro".

"O efeito por agora está descontado", mas com a promessa do BCE de continuar a promover aumentos das taxas de juro, "é de esperar que as taxas [Euribor] continuem a subir, mas de forma mais residual nas próximas semanas".

A leitura é corroborada por Henrique Tomé, analista da XTB, que afirma que "é possível esperar uma continuação da subida da taxa Euribor nas várias maturidades, apesar das recentes quedas a seis e 12 meses".

Prestações da casa vão aumentar

As taxas Euribor são fixadas pela média das taxas às quais um grupo de 57 bancos da zona euro está disposto a emprestar dinheiro entre si no mercado interbancário. Mais de 90% dos créditos à habitação são de taxa variável, ou seja, acompanham as variações das Euribor. Assumindo a previsão dos analistas, de que até ao fim do ano a taxa Euribor a seis meses atingirá os 2%, as prestações pagas ao banco pelas famílias com crédito à habitação vão registar aumentos consideráveis.

> O Banco Central Europeu sinalizou que vai continuar a aumentar as taxas de juro e que o seu principal objetivo é baixar a taxa de inflação, que em agosto estava em 9,1% na zona euro.

Segundo as simulações pedidas pelo DN/Dinheiro Vivo à Deco Proteste, uma família com um empréstimo de cem mil euros a 30 anos, indexado à Euribor a 6 meses (0,837%, média de agosto) e com um *spread* de 1%, paga em setembro uma prestação de 361,52 euros. Se a Euribor a seis meses atingir os 2%, quando as condições do crédito forem revistas, a prestação da casa pode agravar-se em mais de 60 euros para 421,60 euros.

Nas mesmas condições, mas considerando um empréstimo de 150 mil euros, uma prestação que é em setembro de 542,28 euros pode encarecer mais de 90 euros, para 632,41 euros, se a Euribor a seis meses chegar aos 2%.

Se uma família tiver um empréstimo de 200 mil euros, a prestação da casa pode disparar mais de 120 euros, para 843,21, e se o empréstimo for de 250 mil, a prestação a pagar ao banco pode subir dos atuais 903,80 euros para 1054,01 euros, mais 150,21.

As Euribor (a 3, 6 e 12 meses) começaram a subir mais significativamente desde fevereiro, depois de o BCE ter admitido que poderia subir as taxas de juro diretoras ao longo do ano devido à escalada da inflação na zona euro, tendência que acabou reforçada com a invasão da Ucrânia pela Rússia, em 24 de fevereiro.

Ora, em julho, o organismo liderado por Christine Lagarde aumentou a taxa de juro de referência pela primeira vez desde 2011, em 50 pontos base, para 0,5%. Ontem, a subida foi mais ambiciosa, em 75 pontos base, colocando a principal taxa do BCE em 1,25%.

O objetivo principal do BCE, reiterado ontem por Lagarde, é baixar a taxa de inflação, que em agosto estava em 9,1% na zona euro, para a meta dos 2%.

jose.rodrigues@dinheirovivo.pt

Subida das prestações de crédito à habitação se a Euribor a seis meses atingir 2%

EMPRÉSTIMO: 100 000€	EMPRÉSTIMO: 150 000€	EMPRÉSTIMO: 200 000€	EMPRÉSTIMO: 250 000€
Duração: 30 anos	Duração: 30 anos	Duração: 30 anos	Duração: 30 anos
Spread: 1%	Spread: 1%	Spread: 1%	Spread: 1%
Euribor 6 meses (0,837%)	Euribor 6 meses (0,837%)	Euribor 6 meses (0,837%)	Euribor 6 meses (0,837%)
Prestação em setembro: 361,52€	Prestação em setembro: 542,28€	Prestação em setembro: 723,04€	Prestação em setembro: 903,80€
Prestação com Euribor nos 2%: 421,60€	Prestação com Euribor a 2%: 632,41€	Prestação com Euribor a 2%: 843,21€	Prestação com Euribor a 2%: 1054,01€
DIFERENÇA: + 60,08€	DIFERENÇA: +90,13€	DIFERENÇA: +120,17€	DIFERENÇA: +150,21€

FONTE: DECO PROTESTE

Plano de poupança de energia pode valer mais 5% no corte de consumo de gás

ENERGIA Medidas serão obrigatórias na Administração Pública. Para o setor privado, o governo apenas irá emitir recomendações. Executivo aprovou também um investimento de 4,5 milhões para o porto de Sines.

TEXTO **SARA RIBEIRO**

ANTÓNIO PEDRO SANTOS/LUSA
O ministro do Ambiente não revelou a data de apresentação do plano.

O governo revelou ontem o esboço do plano de poupança de energia. Entre as medidas a adotar estarão limitações à utilização de luzes decorativas – como as de Natal – e um uso mais eficiente dos sistemas de climatização. No entanto, as diretrizes finais ainda não são totalmente conhecidas já que esta primeira versão, que foi aprovada em Conselho de Ministros, irá sofrer algumas reformulações. O ministro do Ambiente revelou que houve sugestões feitas por outros colegas do governo que ainda terão de ser acolhidas e incluídas no documento final. Ainda assim, Duarte Cordeiro acredita que estas recomendações poderão levar a uma poupança adicional de 5% no consumo de gás.

Na conferência de imprensa após a reunião, o ministro adiantou que Portugal está no bom caminho no que toca à redução do consumo de gás, tendo registado desde o início do ano uma poupança de 20%, excluindo o gás necessário para a produção de eletricidade, cujas importações têm aumentado.

De fora das propostas ficou a redução de horário de funcionamento das lojas. Uma medida que tem sido adotada noutros Estados-membros e que mereceu fortes críticas do comércio. Além disso, para já, as medidas que serão adotadas no plano de poupança de energia terão caráter obrigatório apenas na Administração Pública. Para a Administração Local e setor privado serão emitidas apenas recomendações. Duarte Cordeiro sublinhou que há um compromisso de vários setores de atividade em contribuir para uma racionalização do consumo, que ficou demonstrado durante os vários contactos mantidos pela ADENE (Agência para a Energia) para recolher contributos para a elaboração do plano. Porém, o ministro não descarta que as recomendações possam vir a ser coercivas caso venha a ser necessário.

4,5 M€

O governo aprovou ainda um conjunto de investimentos necessários para o porto de Sines poder efetuar os transbordos para o resto da Europa, no valor total de 4,5 milhões de euros.

O plano nacional de poupança de energia para 2022 e 2023 segue em linha com o compromisso europeu de reduzir o consumo de energia em 15% para evitar eventuais problemas de abastecimento no inverno. No entanto, Portugal, tal como outros países insulares, viram a meta reduzida para 7% devido às fracas interconexões energéticas com outros países da UE e à menor dependência do gás russo.

O ministro aproveitou ainda para explicar que este plano "tem como objetivo enquadrar medidas que já estavam a ser implementadas e acrescentar novas", dando como exemplo o aumento das metas para a produção fotovoltaica e dos apoios existentes no Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), como a descida do IVA para 6% para painéis solares.

4,5 milhões para Sines

Face à atual crise energética, o Conselho de Ministros aprovou ainda "um conjunto de medidas relacionadas com o reforço da segurança energética e promoção da eficiência energética", revelou Duarte Cordeiro. Entre elas estão os investimentos necessários para o porto de Sines poder efetuar os transbordos de Gás Natural Liquefeito (GNL) para o resto da Europa. Essa iniciativa, que será realizada pela REN, gestora das redes energéticas nacionais, contempla uma verba de 4,5 milhões de euros.

Por fim, Duarte Cordeiro anunciou que foi aprovado o reforço da capacidade de armazenamento de gás através da construção de duas novas cavernas, no âmbito da criação de reservas estratégicas de gás natural já anunciada pelo executivo, à semelhança do que acontece já com os combustíveis. Estas reservas ficarão a cargo da ENSE - Entidade Nacional para o Setor Energético que já é responsável pelas reservas de petróleo.

Atualmente, em Portugal há seis cavernas de armazenamento no Carriço, perto de Pombal, que são dos comercializadores. Mas face à atual situação, e incerteza sobre a duração da guerra, é necessário aumentar o volume de *stock*. O *Dinheiro Vivo* noticiou recentemente que a construção das novas cavernas de armazenamento de gás poderia demorar pelo menos três anos. No entanto, já na altura, o governo garantiu que iria tomar as "medidas necessárias" para acelerar o processo e comprometer-se agora a diminuir aquele prazo para dois anos.

sara.ribeiro@dinheirovivo.pt

Coimbra revela hoje dez projetos inovadores para o futuro da cidade

INOVAÇÃO Projetos incluem soluções para otimizar o estacionamento urbano, a iluminação e irrigação dos espaços públicos ou um medidor do consumo de água. Vencedor é conhecido hoje.

Os dez melhores projetos do Future City Challenge, competição que desafiou estudantes e professores de Coimbra para a criação de projetos inovadores com impacto positivo na cidade do Mondego, vão estar expostos hoje ao público, anunciou a Critical Software. Estes protótipos incluem plataformas das áreas da monitorização de transportes e estacionamento, energia, agrícola e mobilidade em segurança.

O lote de finalistas inclui uma solução, denominada Bus O'clock, que localiza e partilha a localização de autocarros em tempo real, exibindo os dados em painéis digitais; a SmartFlow, um mapa com informação em tempo real do estado de ocupação de lugares de estacionamento; mas também o Where'sMySpot, um localizador de lugares de estacionamento disponíveis em grandes parques, numa aplicação móvel. A Compass Hotspot, que indica rotas de passagem interativas para promoção do turismo, da segurança e do ambiente, e o UbiCecidit, um detetor de quedas e situações de emergência de pessoas com dificuldades motoras, notificando o cuidador, também estão entre os escolhidos.

A lista de finalistas, disponibilizada à Lusa pela Critical Software, integra também a AgrIO, que informa os utilizadores sobre o estado de culturas agrícolas, prevendo e alertando para situações adversas; um projeto denominado Greenify Your Streets (in a Better Way) para otimizar o consumo de água na irrigação de espaços verdes e adaptar a iluminação pública à visibilidade do momento; e um Contador de Água Ultrassónico, que mede o consumo de água de forma não-invasiva e com elevada precisão, enviando os dados para uma plataforma.

Completam o lote de projetos finalistas o Climat(W)ize, que recomenda ações para manter a casa confortável, segura e sustentável, reduzindo as emissões de carbono, e o Energy Control for Common Energy Usage (ECCEU), um controlador de cargas elétricas distribuídas em função da disponibilidade de potência de uma instalação elétrica.

Ouvido pela Lusa, Gonçalo Silva, responsável do Fikalab, o laboratório de inovação da Critical Software, aludindo aos dez projetos finalistas, manifestou-se "surpreendido com aquilo que está escondido nas mentes da comunidade" e que é revelado nesta 2.ª edição do Future City Challenge. "Chegaram-nos muitos mais projetos do que os dez finalistas. Estes foram aqueles que achámos que a ideia apresentada cumpria um determinado número de requisitos e teria um bom impacto na comunidade, tendo sido convidados a desenvolver um protótipo" para ser apresentado hoje, numa sessão que decorre ao longo do dia no Convento de São Francisco, na margem esquerda do Mondego, em Coimbra.

> O vencedor recebe um prémio de 5000 euros, três meses de incubação no Nest Collective e um ano de acompanhamento e experimentação no CoimbraCityLab.

> Os projetos do Future City Challenge foram feitos por estudantes e professores, desafiados a mostrar ideias inovadoras com impacto positivo para Coimbra.

Gonçalo Silva notou as várias áreas de conhecimento envolvidas no concurso e o interesse dos grupos concorrentes, constituídos por alunos e professores "interessados por tecnologia e por dar algo à comunidade". "E também interessados em fazer este *networking* com outras pessoas que pensam como eles e que querem envolver-se com tecnologia e resolver problemas, muito motivados pela solução final, mas também motivados por 'meterem as mãos na massa', fazerem e aprenderem", argumentou.

Uma montra para o desenvolvimento

O responsável do Fikalab frisou ainda que "a propriedade intelectual dos projetos é dos autores" e que a exposição se constitui como "uma montra de excelência" para os concorrentes apresentarem as suas ideias. "São convidadas muitas entidades que terão, com certeza, interesse em soluções deste género e, nessa perspetiva, [os finalistas do Future City Challenge] terão aqui uma montra para poderem mostrar o seu trabalho e continuarem a desenvolver essa solução com os interessados. A propriedade intelectual é deles, portanto, é deles também a motivação de continuarem a evoluir. Quero deixar aqui claro que isto não é propriedade intelectual da Critical", asseverou Gonçalo Silva.

Hoje, o júri irá avaliar os dez projetos finalistas e anunciar o vencedor, sendo que este irá receber um prémio de 5000 euros, oferecido pela Critical Software, três meses de incubação no centro Nest Collective e um ano de acompanhamento e experimentação pelo CoimbraCityLab. Os restantes receberão um prémio de 250 euros.

DN/LUSA

ARQUIVO DN

O concurso de ideias para Coimbra tem dez finalistas, cujas ideias serão avaliadas esta sexta-feira.

BREVES

Porto terá plano pedonal até ao final do ano

A Câmara do Porto vai apresentar o seu plano de pedonalização do centro histórico até ao final do ano, disse ontem aos jornalistas o vereador Pedro Baganha. "[O plano] está elaborado. Estamos a ver qual a melhor altura para o apresentar, mas certamente que será até ao final deste ano. Provavelmente, primeiro, em sede autárquica e depois divulgado publicamente", disse. Pedro Baganha esclareceu que o "plano específico de pedonalização do centro histórico" da cidade do Porto abrange a zona que é Património Mundial da UNESCO desde 1996. "Apesar de ser um plano que perspetiva ações futuras, a verdade é que nós já estamos a atuar, designadamente com as Zonas de Acesso Automóvel Condicionado, que já estão implementadas, em grande medida, naquele território", afirmou, não querendo adiantar mais pormenores.

Médio Tejo faz contrato com a Rodoviária

A Comunidade Intermunicipal (CIM) do Médio Tejo assinou ontem um contrato de concessão válido por oito anos com a Rodoviária do Tejo para o serviço público de transporte de passageiros, no valor de 36,5 milhões de euros. A CIM, que engloba 11 municípios do distrito de Santarém e dois do de Castelo Branco, prevê que sejam percorridos "mais de quatro milhões de quilómetros por ano", no âmbito da concessão, sendo esta rede "complementada por serviços flexíveis, de transporte a pedido, que já estão em operação no território e que não são abrangidos no processo de concessão". Esta concessão tem prevista uma rede superior a 300 linhas e 145 autocarros, sendo que a CIM do Médio Tejo assegurou que os preços dos bilhetes únicos e dos passes se vão manter em 2023.

Ana Mónica Fonseca e António Monteiro. “Os EUA precisam de uma Europa forte, para se concentrarem noutras regiões do globo”

CONFERÊNCIA Com a conferência “Asas do Atlântico - Os Açores e os Desafios do Ocidente” a decorrer em Santa Maria, no Açores, até dia 10, a diretora do CEI-IUL e o presidente da Associação LPAZ falaram ao DN sobre a importância do arquipélago, os desafios do mar e do espaço.

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Antigo caça Fiat, hoje um monumento da Base das Lajes, que mantém toda a sua centralidade estratégica.

ENTREVISTA **HELENA TECEDEIRO**

Porquê a escolha dos Açores para esta conferência? O arquipélago, estratégico ao longo das últimas décadas, muito também devido à Base das Lajes, ganha novo destaque e importância neste contexto de incerteza internacional?

António Monteiro (AM): Esta conferência é uma iniciativa da Associação LPAZ, à qual o Centro de Estudos Internacionais do ISCTE-IUL, o Centro do Atlântico, o Centro de Estudos Humanísticos da Universidade dos Açores e a Transatlantic Studies Association se associaram. A LPAZ foi criada em 2013 e trabalha para a valorização e promoção do aeroporto de Santa Maria, defendendo o seu património histórico e operacional, mas também acompanhando os desenvolvimentos estratégicos no âmbito da aviação e do aeroespacial. Foi em Santa Maria que a Força Aérea americana estabeleceu a sua primeira base nos Açores, em 1944-1946, passando depois a aeroporto dedicado à aviação civil internacional. Enquanto o braço militar americano passou pelas Lajes, na ilha Terceira, o braço económico em tempos de Plano Marshall, reconstrução e união europeia, passou por Santa Maria. Atualmente, parece estar a processar-se uma reinvenção do papel dos Açores na sua função de apoio à mobilidade, comunicações, conhecimento e controlo do Atlântico, já não tanto num modelo militarista e controlado pelos Estados, mas agora mais participado pela academia e pela indústria, um pouco como aconteceu com a aviação no século XX para a qual Santa Maria foi tão útil.

Ana Mónica Fonseca (AMF): A escolha de um tema tão abrangente como os desafios do Ocidente vistos a partir do Atlântico, com um particular enfoque nos Açores, faz todo o sentido. Na realidade, não só o contexto internacional atual reforça a importância estratégica dos Açores, como o próprio arquipélago, em especial a ilha de Santa Maria, tem vindo a destacar-se, nomeadamente ao nível das instalações aeroespaciais. Os temas em discussão vão desde a Extensão da Plataforma Continental e o conhecimento científico do oceano profundo até ao domínio e desenvolvimento das comunicações aeroespaciais.

Com a guerra na Ucrânia, os EUA passaram a olhar com novos olhos para a relação transatlântica, após décadas virados para o Pacífico?

AMF: A invasão da Ucrânia por parte da Rússia e a subsequente guerra que se tem prolongado até hoje fizeram com que os EUA virassem as atenções de novo para a Europa e para os seus aliados da NATO. A resposta assertiva dos aliados europeus e da União Europeia em apoiar a resistência ucraniana e aplicar sanções à Rússia, demonstrou que a relação transatlântica se está a renovar. No entanto, isto não implica que haja uma diminuição da importância do Pacífico na política externa norte-americana, e os recentes episódios em torno de Taiwan são disso exemplo. Em simultâneo, os EUA precisam de ter uma Europa forte, coesa, para poderem concentrar-se noutras regiões do globo.

Qual o papel de Portugal neste contexto em que uma guerra às portas da Europa volta a dar nova importância à NATO e à relação transatlântica com os EUA?

AM: Portugal tem vindo a realçar a sua importância estratégica no seio das relações transatlânticas, reforçando o seu papel de charneira entre as duas margens do Atlântico. No entanto, não nos podemos esquecer que o enquadramento do ponto de vista da política externa e de segurança portuguesa vai para além do Atlântico Norte. Sempre houve uma perspetiva transversal do Atlântico e, como bem recentemente a nossa ministra da Defesa Nacional afirmou, durante uma visita aos Açores, as ameaças que enfrentamos vêm do leste, numa referência clara às tensões com a Rússia, mas também do sul.

Ana Mónica Fonseca
Diretora do CEI-IUL, Centro de Estudos Internacionais do ISCTE

António Monteiro
Presidente da associação LPAZ

AMF: Portugal tem uma visão abrangente do que é o Atlântico. É nesse sentido que, nesta conferência, procuramos também incluir essa perspetiva mais alargada e transdisciplinar do Atlântico, iniciando com uma apresentação de Hugo Cabral sobre o impacto da travessia aérea do Atlântico Sul de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, cujo centenário se assinala este ano, e passando pela intervenção de Alexandre Moreli, sobre o papel do atlanticismo na política brasileira.

Os mares, mais do que a terra, podem ser palco dos grandes conflitos do futuro?

AMF: Os conflitos do futuro passarão certamente pela competição no acesso às matérias-primas e aos recursos naturais, algo que, aliás, já é claramente percetível com as consequências da Guerra da Ucrânia, nomeadamente no acesso ao transporte de cereais ou do gás.

AM: A nossa intenção em iniciar esta conferência com um painel sobre as questões marítimas prende-se precisamente com essa consciência de que os recursos marítimos, desde os fundos dos oceanos, desempenham um papel central do ponto de vista estratégico, não apenas do ponto de vista da segurança e defesa, mas também do ponto de vista científico e económico, ambiental e de sustentabilidade. Chegámos a um ponto do Antropoceno em que percebemos que o mundo, ele próprio, é uma ilha. Desta forma, nada melhor do que nos reunirmos para reflexão sobre todos estes temas do que numa ilha que foi fundamental para Portugal lançar o primeiro processo de globalização.

Estação espacial chinesa, empresas privadas, etc. O espaço é o novo palco da concorrência entre as grandes potências?

AMF: O espaço está a tornar-se um palco muito importante do ponto de vista da competição no sistema internacional. Por vários motivos: porque revela a capacidade económica, científica e técnica de cada um dos atores que aí tenta ganhar relevância e porque essa relevância permite aceder ao controlo de vários recursos que são atualmente fundamentais na competição entre as grandes potências: controlo das comunicações, das tecnologias, liderança em setores de ponta.

AM: Os Açores, e mais especificamente a ilha de Santa Maria, dada a sua posição geográfica e condições naturais, estão a tornar-se um hub científico do setor aeroespacial, não só ao nível nacional, mas também ao nível europeu. E é também nesse sentido que o governo português tem explorado a posição geoestratégica e infraestruturas aeroportuárias já existentes. Em Santa Maria estão já em funcionamento infraestruturas importantes da ESA no Teleporto de Santa Maria, e temos na Terceira o Centro do Atlântico, um *think tank* criado por Portugal para criar sinergias dentro da Bacia do Atlântico, e que é igualmente parceiro na organização desta conferência.

helena.r.tecedeiro@dn.pt

Ucrânia avança em três frentes e recebe mais apoio

GUERRA Kiev anunciou avanços em três frentes no dia em que o secretário de Estado dos EUA, em visita surpresa, anunciou mais ajuda.

As Forças Armadas da Ucrânia disseram ter obtido ganhos territoriais tanto no norte, como no sul e no leste, entrando nas terras invadidas pela Rússia. Na área em redor de Kharkiv, a segunda cidade da Ucrânia, as forças de Kiev penetraram 50 quilómetros além das linhas russas e libertaram mais de 20 vilas e aldeias, disse Oleksiy Gromov, do Estado-Maior ucraniano.

O secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, viajou até Kiev – a segunda vez desde o início da invasão russa – para discutir com o presidente Volodymyr Zelensky a ajuda militar, tendo anunciado mais 2,8 mil milhões de dólares. O chefe de Estado expressou a sua gratidão pelo "enorme apoio" dos Estados Unidos que estava a ajudar a "devolver o território e as terras" aos ucranianos. Blinken, numa declaração sobre as conversações, saudou "os extraordinários defensores na linha de frente da Ucrânia" que "continuam a lutar corajosamente pela liberdade do seu país". O mais recente pacote de ajuda inclui 675 milhões de dólares a serem enviados em breve em armas, munições e mais mil milhões de dólares em empréstimos e subsídios a longo prazo para a Ucrânia comprar mais equipamento dos EUA. O Departamento de Estado também aprovou 1,2 mil milhões de dólares para outros 18 países considerados sob ameaça da Rússia, incluindo os estados bálticos, Moldávia e Geórgia, estes últimos com regiões separatistas apoiadas por Moscovo.

Um dia depois de as Nações Unidas terem dito que havia "relatos credíveis" de a Rússia forçar crianças ucranianas a entrar no seu território, Blinken começou a sua viagem a visitar crianças de tenra idade feridas na guerra num hospital. Blinken também se ajoelhou para dar festas a Patron, um cão Jack Russell que ajudou os militares da Ucrânia a encontrar mais de 200 minas colocadas pelas forças russas.

Numa ação coordenada, o presidente Joe Biden falou ao telefone com líderes de países aliados sobre a ajuda à Ucrânia e o secretário da Defesa, Lloyd Austin, encontrou-se com os seus homólogos na base aérea de Ramstein, na Alemanha.

> Após saber-se que Moscovo recorreu a drones iranianos e munições norte-coreanas, também Kiev estará a precisar de reabastecimento pelos aliados.

"Agora, estamos a assistir ao sucesso demonstrável dos nossos esforços comuns no campo de batalha", disse Austin.

No meio dos relatos de ganhos da Ucrânia, ambos os lados têm enfrentado cada vez mais uma crise de fornecimentos militares, com funcionários norte-americanos a dizer que a Rússia está a receber drones do Irão e grandes quantidades de foguetes e munições da Coreia do Norte. O general norte-americano Mark Milley disse em Ramstein que havia "um consumo significativo de munições" por parte da Ucrânia que terá de ser abordado pelos aliados. Kiev tem apelado repetidamente para os seus aliados fornecerem mais armas pesadas enquanto prossegue a sua ofensiva. A Alemanha e os Países Baixos disseram em Ramstein que vão começar a treinar e a equipar soldados ucranianos para a desminagem, com Berlim a anunciar que também enviará equipamento de inverno.

Kiev pede ATACMS, isto é, mísseis táticos de médio alcance guiados com precisão que podem ser lançados pelos sistemas HIMARS com um alcance de 300 quilómetros. Mas Milley voltou a recusar essa pretensão. "O alcance dos HIMARS é suficiente para satisfazer as necessidades dos ucranianos, tal como estão atualmente a lutar", concluiu.

DN/AFP

GENYA SAVILOV / POOL / AFP

Antony Blinken é agraciado por Volodymyr Zelensky com a Ordem do Príncipe Yaroslav, o Sábio.

Opinião
João Almeida Moreira

Não há governo nesta corrupção

Em 2018, Jair Bolsonaro prometeu "o fim da corrupção" e a jura soou como música aos ouvidos de eleitores brasileiros esgotados de três anos seguidos de manchetes sobre os desvios na Petrobras, investigados na Operação Lava Jato, que atingiram justa ou injustamente membros de cerca de 30 partidos políticos.

Quatro anos depois, o balanço: em outubro de 2019, o ministro do Turismo foi investigado por desviar dinheiro através de candidaturas femininas falsas e em abril de 2021 o titular do Meio Ambiente acusado de dificultar a fiscalização a madeireiras, de amigos dele, suspeitas de extração ilegal de árvores.

No mês seguinte, foi revelado o Tratoraço, esquema multimilionário montado pelo Planalto para manter a base de apoio no Congresso – e assim se blindar de eventual *impeachment* – em troca de três mil milhões de reais distribuídos pelos parlamentares em dinheiro e géneros, como os tratores sobrefaturados em 259% que haveriam de batizar o escândalo.

Passou mais um mês e descobriu-se que, mesmo informado do esquema por um deputado, o presidente aceitou negociar a compra de uma vacina indiana contra a covid, a covaxin, 1000% acima do preço de mercado, depois de o Brasil se ter recusado a adquirir os mais baratos e fiáveis imunizantes do mundo.

Em março de 2022 foi a vez de o Ministério da Educação ser capturado por dois pastores evangélicos, amigos de Bolsonaro e do ministro, também pastor, que distribuíam verbas apenas a municípios que se comprometessem a colocar dinheiro ou barras de ouro no bolso dos reverendos.

A imprensa brasileira lista, além destes, mais dezenas de casos envolvendo desvios em autocarros escolares, em contratos na secretaria de comunicação da Presidência, em gastos de 15 milhões de reais só na aquisição de leite condensado para o Planalto ou na compra de asfalto por uma empresa de fachada no valor de 600 milhões de reais.

Há ainda os escândalos paralelos a Bolsonaro, como a aquisição milionária de viagra e de próteses penianas pelas forças armadas, um dos braços do governo, e aqueles que atingem em cheio a sua família, como o desvio milionário dos salários dos assessores, os estranhos depósitos na conta da primeira-dama pelo operacional do esquema ou os mais de 50 imóveis comprados pelo clã em dinheiro vivo.

Bolsonaro, no entanto, insistia até ao ano passado numa das suas máximas preferidas – "Não há corrupção neste governo".

Atropelado por provas e factos, no entanto, vem evoluindo (ou regredindo) no discurso contra a corrupção de forma interessante. Em junho de 2021, já falava em "corrupção virtual". "Neste governo só há corrupção virtual, como no caso da vacina, em que não foi gasto um real".

Em maio, passou a referir-se à "falta de corrupção consistente". "O nosso governo até ao momento não tem apresentado desvio de recursos com denúncias consistentes de corrupção".

Em julho, a corrupção existia mas não era endémica. "Há casos isolados que pipocam, mas o governo não tem corrupção endémica".

Desde o mês passado, a culpa de haver corrupção é de quem procura por ela. "Se procurar alguma coisa vai achar, só o Ministério do Desenvolvimento tem 20 mil obras, será que está tudo certinho?".

Tivesse tempo e não, ao que tudo indica, apenas mais um mês de governo, Bolsonaro acabaria por adaptar a sua máxima a "não há governo nesta corrupção".

Jornalista, correspondente em São Paulo

Opinião
Raúl M. Braga Pires

Um Portugal-França sem ser em futebol!

Este é o *derby* do gás que tenho desenvolvido aqui nas últimas semanas e que convém também dissecar na perspectiva teórica e académica, dada uma certa postura francesa que nos remete para um paradigma passado, o do absoluto, quando actualmente vivemos em função da "razão do relativo".

A França, no contexto da disputa pela liderança da União Europeia (UE), foi a correr à Argélia (25 de Agosto), após apresentação alemã de um esboço de solução energética para a Europa, que contempla Sines como porta de entrada de praticamente todo gás importado a partir do Sul (Argélia, Egipto/Israel, Nigéria, Moçambique – quando possível, mas também Qatar e Estados Unidos da América). O chanceler alemão disse mesmo, no início de Agosto, que quer ver o "gás de Sines" a chegar à Europa Central. A França incomodou-se e veio logo arrogar-se da sua soberania, para "negar à partida uma ciência que desconhece". Ou seja, disse não autorizar a extensão dos gasodutos espanhóis pelo seu território, não permitindo assim ao "gás de Sines" chegar à Europa mais fria e dependente desta fonte de calor, que no Inverno funciona para eles como o oxigénio para nós todo o ano!

O trunfo apresentado pela França para contrariar o projecto alemão é a sua vantagem em ter costa mediterrânica e proximidade significativa em linha recta à costa argelina. O picotado de terminais marítimos para a trasfega de gás do mar para terra, que têm construídos e em projecto de construção, convencem-nos (aos franceses) que serão a melhor solução, obliterando desta forma Portugal e Espanha desta competição que poderá garantir mais cem anos de independência aos ibéricos e mais mil à "confederação europeia".

Passando do absoluto para o relativo, o erro da França ao cancelar os gasodutos ibéricos, está a comportar-se como nos comportávamos todos durante a Guerra Fria. Onde estava um bloco não estava outro, cada um com o seu projecto exclusivista e não haviam dúvidas. Parece-me que os caminhos e as voltas que o mundo foi dando nos últimos dois séculos nos têm ensinado que na cooperação é que está o ganho, em alternativa ao habitual jogo de soma zero, exclusivo dos exclusivistas.

A solução para esta vulnerabilidade europeia terá obrigatoriamente soluções múltiplas, com França, Portugal, Espanha, Holanda, Itália e Grécia a servirem de solução a um bloco vincado no papel ao mais alto nível e no nosso bolso, ao mais baixo nível. Falo da moeda única e não no valor do dinheiro. Ou seja, uma nota de 20 euros, ou outra qualquer, é "a mesma" quer esteja no bolso de um francês, de um português ou de um grego, sendo actualmente este o principal cimento a dar alguma uniformidade a esta complexa pirâmide de interesses à qual não queremos chamar "Confederação Europeia". O euro é "o pássaro que temos na mão e não queremos perder"! Neste capítulo, o relativo é relativo porque se sustenta na cooperação, a melhor forma de todos ganharem com todos.

Do mesmo modo, as alternativas ao fornecimento também deverão ser múltiplas, para não se replicar este cenário de dependência de uma única fonte. Por isso mesmo, deverão ser contemplados pontos de entrada do gás no continente, em sintonia com a proximidade do fornecedor. É neste cenário que haverá espaço para Sines ocupar o seu lugar na actual teia de fornecimentos múltiplos e alternativos que se projectam construir. Agora esta parte final, que tudo terá que ver com o início, depende exclusivamente dos portugueses: posicionar Sines nesta complexa equação que contemplará múltiplos pontos de entrada europeus, a partir de múltiplos fornecedores internacionais.

A partir de Lisboa e de Sines teremos que saber fazer o nosso *bluff hollywoodesco* e gritar bem alto em Bruxelas, "location, location, location"!

A partir de Lisboa e de Sines teremos que saber fazer o nosso *bluff hollywoodesco* e gritar bem alto em Bruxelas, "location, location, location"!

Politólogo/arabista www.maghreb-machrek.pt
Escreve de acordo com a antiga ortografia

Opinião
Victor Ângelo

Uma rentrée bem complexa: e agora?

Estamos de volta, depois da pausa de agosto. É a chamada rentrée política, a nível internacional sempre marcada pela abertura de um novo ciclo anual da Assembleia Geral das Nações Unidas. Assim acontecerá na próxima semana, com os líderes mundiais a darem os toques finais aos discursos que irão pronunciar. O Secretário-Geral gostaria que se falasse sobretudo de paz, da crise alimentar que aflige várias regiões do globo, das alterações climáticas, do impacto da pandemia da covid-19 nos países mais pobres e da educação dos jovens. Mas esta é uma rentrée muito especial, com uma guerra a decorrer no "primeiro mundo" – algo impensável há uns meses, quando se associava conflito a ausência de desenvolvimento, ou seja, quando andávamos todos iludidos com teorias que guerras eram coisas de gente pobre e residente em horizontes longínquos.

Na verdade, não se deveria falar de recomeço do ano político. Este foi um verão sem tréguas de espécie alguma. As crises e as incertezas aumentaram e, simultaneamente, mostraram-nos que os líderes que pesam na cena internacional não conseguem apresentar propostas razoáveis e convincentes. A confusão causada pela política aventureira e ilegal de Vladimir Putin é um exemplo disso. Iremos para a Assembleia Geral após quase sete meses de agressão armada contra um estado soberano, nosso vizinho na Europa, e será quase certo que não ouviremos nenhuma proposta que seja capaz de responder a esse imenso desafio. Os principais dirigentes europeus, a começar por Emmanuel Macron, andam a deambular num labirinto político. Sabem que não se pode deixar o Kremlin ganhar esta guerra. Isso seria como dar um prémio aos autocratas e aos governantes fora da lei, e um convite a novas violações da ordem internacional. Também sabem que a assistência à Ucrânia poderá não ser suficiente, por muito que repitam o contrário nas suas intervenções públicas, e que sem esse apoio não haverá Ucrânia. Mas não tiram a conclusão que se impõe: é crucial passar a uma fase superior, a uma resposta ainda mais completa, que leve ao fim da agressão e a uma mudança da política externa da Rússia.

Neste contexto, que só não é visto como preocupante por quem anda a jogar aos faz de conta políticos ou a preparar a próxima ida a banhos, o grupo de antigos quadros da ONU, que em abril escreveu uma carta aberta a António Guterres, preparou agora um segundo apelo público. Nas vésperas da Assembleia Geral, o grupo, no qual me incluo, volta a insistir na necessidade de se propor iniciativas políticas, que congelem as hostilidades e tornem possível o início de um processo que conduza à paz. Os acordos sobre a exportação de cereais e a inspeção da central nuclear de Zaporíjia devem ser explorados politicamente. A proposta agora apresentada por Guterres ao Conselho de Segurança, relativa à desmilitarização da central de Zaporíjia, é um bom ponto de partida e deve ser fortemente apoiada.

Reconheço que um apelo deste tipo é muito inspirado numa visão idealista das relações internacionais. Seria, porém, um erro pôr o idealismo e os princípios de parte. Mas a nova tomada de posição também se baseia numa constatação bem realista: numa guerra, nestes tempos de interdependência global e de altas tecnologias, todos perdem, e muito. Mais ainda, quando a ameaça vem de uma superpotência e gera, por isso, respostas de grande envergadura, por parte dos poderes rivais. Os autores da Carta das Nações Unidas já assim pensavam, em 1945. E o nosso planeta está hoje bem mais frágil do que estava há 77 anos.

É altura de se ser franco e direto. A agressão coloca-nos perante três opções e pede-nos uma decisão firme e clara. Uma solução inspirada na técnica do banho-maria não resulta. Na realidade, com o tempo, acaba por encorajar o infrator e outros com intentos semelhantes. Aqui, ou se acende o lume ao máximo – na convicção de que no final se estará do lado dos vencedores e dos sobreviventes – ou se procura uma receita alternativa, uma via política. É essa a escolha determinante que os nossos líderes têm de fazer.

É altura de se ser franco e direto. A agressão coloca-nos perante três opções e pede-nos uma decisão firme e clara.

Conselheiro em segurança internacional.
Ex-secretário-geral-adjunto da ONU

Caso Griezmann. O minuto 60 que permite poupar 40 milhões de euros

ATLÉTICO MADRID Avançado entra sempre depois dos 60 minutos para evitar pagamento de cláusula obrigatória de compra ao Barcelona. Má fé ou ilegalidade, questão pode acabar em tribunal.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

Sempre que o Atlético Madrid joga esta época, as redes sociais enchem-se de comentários e há um jogador que é sempre notícia. Não por qualquer vitória ou derrota, nem tão pouco por qualquer jogada de génio de João Félix. O motivo é Antoine Griezmann, 31 anos, internacional francês do clube madrileno que esta época entra sempre em campo depois dos 60 minutos. A justificação não é desportiva e está a causar polémica em Espanha.

A explicação é simples e está a deixar os nervos em franja aos responsáveis do Barcelona. Griezmann está cedido ao Atlético pelo clube catalão. E no contrato celebrado ficou estipulada uma cláusula obrigatória de compra no final da temporada, no valor de 40 milhões de euros, se o avançado cumprisse pelo menos 30 minutos (descontos não contam) em metade dos jogos disputados. Há outras versões que indicam que são 45 minutos e que o número de jogos é entre 12 e 14.

EPA/RODRIGO JIMENEZ

Griezmann entrou aos 61 minutos no jogo com o FC Porto e marcou o golo da vitória em cima do apito final.

Em Espanha, e sobretudo os responsáveis do Barcelona, não têm dúvidas de que esta condição de suplente do jogador, que salta do banco sempre depois do minuto 60, não passa de uma manobra do Atlético para evitar pagar os 40 milhões estipulados no contrato.

E de facto é. Senão veja-se. Esta época o Atlético já disputou cinco jogos oficiais. Na deslocação a Getafe, na primeira jornada da liga espanhola, Griezmann saltou do banco aos 62 minutos, ainda a tempo de marcar um golo na vitória por 3-0. Diante do Villarreal, também para o campeonato, entrou outra vez aos 62' na derrota caseira por 2-0. Frente ao Valência foi chamado aos 64 minutos e até marcou o golo da vitória. No empate a um golo com a Real Sociedad a história repetiu-se aos 63'.

Ao quinto jogo, desta vez na Liga dos Campeões, anteontem, diante do FC Porto, a situação repetiu-se. O francês foi suplente e entrou poucos segundos depois dos 60 minutos, sendo decisivo ao marcar o golo da vitória no último lance do jogo. Mais uma vez as redes sociais encheram-se de comentários. "Top certezas da vida. Que iremos morrer um dia e que Griezmann vai entrar sempre depois do minuto 60", gozava um internauta.

De acordo com a imprensa espanhola, a intenção do Atlético é levar o Barcelona a baixar os 40 milhões da cláusula obrigatória de compra. Este esquema já tinha sido denunciado pelo jornal *Mundo Deportivo* a meio de agosto – na altura noticiou que corriam rumores de que o treinador iria gerir a utilização do jogador de forma a que no final da temporada o avançado não passasse os 45 minutos de utilização em 50% dos jogos.

Griezmann, recorde-se, já tinha estado cedido pelo Barcelona ao Atlético na época passada. Mas na altura o acordo era diferente e obrigou ao pagamento de uma taxa de empréstimo. Na temporada transata, só para se ter um ponto de comparação, Griezmann disputou 45 minutos em 82,5% dos jogos.

Queixa em equação

Ainda de acordo com relatos do país vizinho, os dirigentes do Barcelona não têm dúvidas de que o Atlético está a agir de má-fé. E o departamento jurídico dos catalães está a estudar a situação. Basicamente quer saber se o que o Atlético está a fazer é ou não legal para avançar com uma queixa. Há também quem defenda que este caso deve chegar às entidades que regem o futebol espanhol.

A verdade é que não parece existir nada de ilegal nesta situação, pois o Atlético Madrid não está a violar qualquer lei desportiva ou civil. No limite pode ser considerada uma atitude pouco ética.

O presidente dos *colchoneros* já foi várias vezes questionado sobre a situação e finta-a sempre. "É um grande jogador e estou muito contente por ele estar connosco. É uma ótima pessoa e tenho uma relação magnífica com ele. Nunca me meto em questões de onzes nem esse tipo de coisas. Só posso dizer que é um jogador magnífico e está connosco", disse recentemente.

> Já são cinco jogos oficiais esta época em que o francês entra sempre depois dos 60 minutos. "É o que é e não está nas minhas mãos", disse após marcar ao FC Porto.

Já o treinador Diego Simeone deu uma resposta vaga, mas que pode ser interpretada como uma ordem vinda de cima. "Vocês conhecem-me há dez anos como treinador. Eu sou um homem do clube e sempre serei", atirou.

No final do jogo com o FC Porto, Griezmann também foi questionado. "Entrar ao minuto 60? É o que é e não está nas minhas mãos. Agradeço a Deus estar aqui."

Esta não é a primeira vez que há polémica entre At. Madrid e Barcelona. Em 2019, depois de Griezmann se mudar para a Catalunha a troco de 120 milhões de euros (valor da cláusula de rescisão), o clube madrileno apresentou uma queixa na Real Federação Espanhola denunciando que o Barça terá contactado o jogador de forma ilegal, apresentando e-mails como prova. Meses depois, para encerrar o caso, o Barça pagou mais 15 milhões.

Para já, o saldo de Griezmann é de relevo tendo em conta os minutos que joga, com três golos em cinco jogos, dois deles decisivos em vitórias dos *colchoneros*. O FC Porto que o diga!

nuno.fernandes@dn.pt

BREVES

Graham Potter substitui Tuchel no Chelsea

O inglês Graham Potter é o novo treinador do Chelsea. Vem substituir o alemão Thomas Tuchel, que saiu após a derrota com o Dinamo Zagreb (1-0) para a Liga dos Campeões. Potter, de 47 anos, assina por cinco épocas e chega do Brighton, também da Liga inglesa, com quem estava a ter um arranque de campeonato excelente (quatro vitórias em seis jogos). Diplomado em Ciências Sociais e com um mestrado em "liderança e inteligência emocional", o sucessor de Tuchel tem um perfil atípico no mundo do futebol. Depois da formação académica, começou como treinador na Suécia, orientou o Swansea e o Brighton. Como jogador esteve no Birmingham City, tendo posteriormente passado por clubes como o Stoke City, West Bromwich e Reading, jogando como defesa. Retirou-se em 2004/2005, com 30 anos.

"Benfica é clube vendedor", diz Roger Schmidt

Numa entrevista à revista alemã *Kicker*, e reproduzida pelos canais do Benfica, o treinador Roger Schmidt admitiu que é uma honra "poder treinar o clube da Luz" e falou também dos seus objetivos para o futuro e do mercado. "O Benfica é um clube vendedor. Sempre foi e deve continuar a ser, é assim que funciona. O que o Benfica faz é formar jogadores nas camadas jovens, lançá-los quando estão prontos e vendê-los. É entusiasmante, identifico-me com esta filosofia. Há clubes que não têm proprietários ricos a injetar dinheiro e têm de se financiar. Não é uma contradição. Estamos a tentar montar o melhor plantel para sermos competitivos, também tendo em conta que queremos jogar para o título", disse o alemão, acrescentando: "Queremos ser campeões, queremos que os adeptos se orgulhem de nós".

Poucos atores conseguiriam encaixar na figura de Geppetto com a mesma abertura calorosa de Tom Hanks.

COURTESY OF DISNEY ENTERPRISES, INC.

Um *Pinóquio* para as novas gerações, com o espírito do clássico

STREAMING A versão *live-action* do clássico da animação está agora disponível no serviço Disney+. *Pinóquio*, com assinatura de Robert Zemeckis e Tom Hanks no papel de Geppetto, é um regresso à ternura e "terror" do original de Walt Disney, mas com pequenos acertos de modernidade.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

O que é que Pinóquio tem que continua a justificar a sua revisitação? Dificilmente conseguiríamos resumi-lo num par de linhas. Mas a verdade é que a história de Carlo Collodi já ganhou muitas vidas no grande ecrã, começando pela adaptação da Disney, de 1940, segunda longa-metragem dos estúdios, que será sempre a referência maior no imaginário popular. Podemos dizer isso sim que há um fascínio que perdura entre cineastas e estúdios. Só este ano, para além da versão *live-action* e CGI que agora se estreia, há uma animação russa a chegar às salas no final do mês (*Pinóquio, a História Verdadeira*), e a muito aguardada criação *stop-motion* de Guillermo del Toro, projeto pessoalíssimo que cai na Netflix em dezembro, para acalentar o Natal. Isto sem esquecer que em 2019 tivemos o *Pinóquio* do italiano Matteo Garrone, com Roberto Benigni na pele de Geppetto – ele próprio que realizara e protagonizara a sua versão em 2002.

A pergunta que então persiste é: o que se pode fazer de diverso em tantas abordagens da mesma narrativa? No tocante ao *Pinóquio* de Robert Zemeckis, que mistura atores de carne e osso com animais minuciosamente concebidos em CGI – neste caso, um autêntico prodígio digital –, a novidade tem que ver com algumas personagens e sequências e, sobretudo, com uma outra ideia de ritmo. Como refere Zemeckis nas notas de produção disponibilizadas à imprensa, "havia um tipo de ritmo nos filmes de há 60 anos diferente do que há agora, mas basicamente mantivemos o espírito, o tom e o tema do primeiro filme".

De facto, é outro tipo de genica que caracteriza, logo na abertura, a entrada em cena do Grilo Falante deste *Pinóquio*, intrigado com o uso da expressão "Era uma vez..." e o seu próprio papel de narrador. Zemeckis não retira nada da ternura desse início em que damos com o velho Geppetto (comovente Tom Hanks) a falar para a sua marioneta recém-criada, tal como fala com o gato Fígaro e o peixinho dourado Cleo, ambos a sua única companhia num estaminé repleto de relógios de cuco... Estes últimos merecem, desde já, um aparte sobre o aspeto criativo: em homenagem ao universo Disney, o realizador ornamentou vários relógios de cuco com figuras simbólicas dos estúdios, do Pato Donald à Maléfica, do cowboy Woody ao Dumbo, da Branca de Neve ao Simba, passando pelo par famoso de bonecos de um certo filme de Zemeckis (carta fora do baralho que deixamos para o espectador descobrir), numa autorreferência que confere aqui um toque humorístico.

> O *Pinóquio* de Robert Zemeckis é do mais impressionante que se já viu em termos de avanços do digital, com destaque para os animais falantes.

Fica claro, desde o primeiro minuto, que a intenção é refrescar o clássico. E para isso faz todo o sentido que a Fada Azul seja interpretada pela atriz e cantora britânica Cynthia Erivo, cuja pele negra estabelece um belo contraste com os lugares comuns dos contos de fadas – é também ela quem dá voz ao icónico *When You Wish Upon a Star*, a canção oscarizada que se tornou o tema de assinatura dos estúdios; neste *remake* há ainda novas canções escritas por Alan Silvestri e Glen Ballard. De resto, notam-se pequenas liberdades ao longo da jornada de aprendizagem de Pinóquio que, como sabemos, para se tornar um menino de verdade tem de passar por uma série de provações até "ganhar músculo" nas suas virtudes interiores, e assim também poder aliviar o Grilo Falante da responsabilidade de conselheiro e guardião da sua consciência, enquanto ingénuo boneco de madeira.

De entre as várias etapas do percurso de Pinóquio, a da Ilha dos Prazeres (que corresponde àquele lugar onde os meninos são transformados em burros) surge nesta versão como uma das sequências "melhoradas" em função dos novos públicos: retiraram-se os charutos, continua a haver cerveja, mas acrescentou-se o elemento do açúcar a perder de vista, numa espécie de esplendor colorido da gula, para além de alusões ao *bullying* e à linguagem das redes sociais. Tudo com uma força de espetacularidade sombria e visualmente arrebatadora que comprova a mão segura de Zemeckis, ou não estivéssemos a falar de um dos realizadores mais entusiastas das novas tecnologias, que nos deu a trilogia *Regresso ao Futuro*, o híbrido *Quem Tramou Roger Rabbit?* (onde coexistem atores e desenhos animados) e as animações pioneiras *Polar Express* e *Um Conto de Natal*. Agora, diz ele que o que aprendeu ao longo dos anos sobre efeitos especiais "foi para fazer este filme".

Parece uma daquelas declarações que apenas ficam bem no contexto promocional, mas, em rigor, o *Pinóquio* de Zemeckis é do mais impressionante que se já viu em termos de avanços do digital, com destaque para os animais falantes, que conservam a postura antropomórfica própria da animação Disney sem que se sinta qualquer ruído visual na sua textura realista.

Já agora, recorde-se que falamos também do realizador que trabalhou com Tom Hanks no referido *Polar Express*, e antes disso em *Forrest Gump* e *O Náufrago*. Uma parceria impossível de ignorar perante a matéria emocional em causa – poucos atores conseguiriam encaixar na figura de Geppetto com a mesma abertura calorosa de Hanks. Ele é, por excelência, a personalidade que nos faz sentir em casa, que não tem medo do "ridículo" da fantasia e alguém capaz de humanizar qualquer detalhe pitoresco de uma personagem saída do traço do desenho animado.

Na sua grande operação de versões *live-action*, a Disney nem sempre tem acertado na mouche. E *Pinóquio*, sendo um dos casos realmente bem-sucedidos, merecia a honra do grande ecrã, para além da estreia na plataforma de *streaming*. Trata-se de um verdadeiro trabalho de amor, que tira partido de todos os recursos disponíveis sem trair a memória afetiva da animação original. Digamos que, no processo de releitura e atualização de Robert Zemeckis, o clássico não sai ferido na sua essência. Ainda há magia que não depende de tecnologia de ponta.

dnot@dn.pt

ASSASSINOS DE ELITE
Sam Peckinpah
Cinemateca

Integrado na evocação de James Caan (falecido a 6 de julho, contava 82 anos), a Cinemateca exibe um dos títulos que mais e melhor pode simbolizar o trabalho de Sam Peckinpah (1925-1984) para lá das matrizes do *western* (quarta-feira, 19h00). Centrado num grupo de assassinos contratados, envolvidos com a CIA, eis um desencantado retrato de uma América que perdeu os seus heróis tradicionais.
JOÃO LOPES

REVOLTA
Tiago R. Santos
Videoclubes

Injusto fracasso de bilheteiras, a estreia nas longas do argumentista Tiago R. Santos é um objeto isolado no cinema português: um filme de diálogos que procura entreter e contar uma história, neste caso a de um grupo de amigos que se encontra num jantar quando parece haver uma nova revolução em Lisboa. Atores muito bem dirigidos e um ritmo com poucas pausas fazem esta uma das surpresas de 2022. Era bom que fosse mesmo descoberto...
RUI PEDRO TENDINHA

APOLLO 10½
Richard Linklater
Netflix

Numa altura em que a NASA se prepara para regressar à Lua, não é nada má ideia ir ao encontro da animação de Linklater estreada este ano na Netflix. *Apollo 10 ½* (subtítulo: *Uma Infância na Era Espacial*) é uma autêntica viagem no tempo, que ocupa a margem entre a imaginação e o espírito de ficção científica que se viveu nos subúrbios perto da NASA em 1969. Pura nostalgia *cool* assente num rico exercício de memória com visão palpável do futuro. **I.N.L.**

COMPETIÇÃO OFICIAL
Gastón Duprat, Mariano Cohn
Videoclubes

Vamos acreditar que ainda há lugar para comédias para adultos, tão secas como inteligentes. Mariano Cohn e Gastón Duprat fizeram esta sátira ao cinema espanhol e batem em todos os clichés das perceções da indústria do cinema. Fazem humor de combate com permissão para o público generalizado entrar. Convém só perceber quem é Isabel Coixet (um dos alvos) e entender o estatuto de Banderas (aqui a gozar consigo próprio). Impiedoso... **R.P.T.**

FILMES&SÉRIES AGENDA

A grandeza de Ray Liotta num "pequeno" papel póstumo.

Black bird
de Dennis Lehane na Apple TV+

Para os amantes de *true crime*, mas também para quem já tem saudades de Ray Liotta (1954--2022). Baseado no livro de memórias de James Keene, *Black Bird* conta a aventura insana deste ex-traficante de droga, recluso, escolhido pelo FBI para se infiltrar numa prisão de segurança máxima e fazer amizade com um *serial killer*, Larry Hall, a fim de obter dele a confissão necessária para impedir o sucesso do seu recurso e consequente libertação. Uma minissérie de seis episódios robustos que destilam a perseverança do protagonista num lugar onde o quotidiano é uma panela de pressão e a sorte tem os dias contados.

Para além da escrita impecável de Dennis Lehane, autor de *Mystic River*, que se tornou um dos mais interessantes argumentistas de televisão, os atores são o ouro deste drama policial com sabor acre atrás das grades. Começando por Taron Egerton (a galáxias de distância da sua personificação de Elton John), que interpreta Keene, passando por Paul Walter Hauser, soberbo na pele do alegado assassino, e terminando em Ray Liotta, que dá rosto ao pai de Keene, num comoventíssimo papel póstumo.
INÊS N. LOURENÇO

ADEUS, MACHO
Marco Ferreri
Filmin

Dois emigrantes à deriva em Nova Iorque (interpretados por Marcello Mastroianni e Gérard Depardieu) sobrevivem em regime de dramática pobreza até que descobrem o cadáver de King Kong nas margens do rio Hudson, vendo-se as Torres Gémeas lá ao fundo... Estava-se em 1978 e o italiano Marco Ferreri encenava, assim, um ceticismo civilizacional transposto da Europa para a América – absurdo, poético e fascinante. **J.L.**

VIAGEM A TÓQUIO
Yasujiro Ozu
Cinemateca

Entre as escolhas de João Botelho programadas este mês na Cinemateca, *Viagem a Tóquio* (1953) configura o ponto máximo da arte de Ozu. A história de um casal idoso que, ao visitar os filhos em Tóquio, se dá conta dos moldes da vida moderna, em que a atenção aos mais velhos já não se parece com nada do mundo que conheceram. Nenhum realizador japonês captou com tanto refinamento e justeza universal a desintegração do sistema familiar. **I.N.L.**

PERIGO ÍNTIMO
Alan J. Pakula
AXN Movies

Brad Pitt e Harrison Ford num confronto de inusitada estranheza dramática: o primeiro interpreta um membro do IRA em missão em Nova Iorque para comprar armas; o segundo é um polícia que o recebe em sua casa, convencido que se trata de um trabalhador de origem irlandesa. O resultado é um fascinante conto moral em registo de *thriller* — com data de 1997, foi a derradeira realização de Alan J. Pakula. **J.L.**

NOPE
Jordan Peele
Cinemas

Não é de mais elogiar o grande filme de entretenimento deste verão, a consagração total de Jordan Peele, realizador de *Nós* e *Foge*, desta vez a fazer *sci-fi* com subversão política. Um discurso sobre os medos da vigilância e da sociedade de consumo audiovisual, *Nope* é também uma fábula sobre um certo fim do cinema enquanto uma espécie de nave espacial parece aterrorizar um rancho de cavalos para Hollywood. Mete medo, bom medo. **R.P.T.**

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

Nesta exposição, o artista quer mostrar a sua visão mais panorâmica da atualidade.

André Carrilho em exposição na Amadora

ARTE Os últimos dez anos da obra do cartunista vão estar em exposição na Amadora até dia 6 de novembro. A entrada é livre.

TEXTO **SARA AZEVEDO SANTOS**

A Galeria Artur Bual/Casa Artur Bual, na Amadora, recebe *Panoramas*, do cartunista André Carrilho. A apresentação naquela que é a terra natal do artista, onde nasceu em 1974, aconteceu ontem.

Esta é a primeira vez que André Carrilho reúne em exposição os trabalhos que tem feito ao longo dos últimos dez anos. "Sempre fiz exposições de outro tipo de trabalho, como caricaturas ou assuntos mais localizados, e pela primeira vez estou a reunir estes trabalhos de maior dimensão", conta em entrevista ao DN.

A exposição vai incluir 30 obras, incluindo algumas que foram feitas para o *Diário de Notícias*. Estas correspondem a painéis/murais de dupla página de ilustração que focam vários assuntos da atualidade, desde eventos a personalidades marcantes.

As obras que vão estar expostas abordam temas desde os milionários de Silicon Valley até às personalidades de Hollywood, a diversas formas de exploração e de protesto, a subida da popularidade da extrema-direita, a crise das democracias, as superpotências mundiais e as crises ecológicas. A procura pela interligação dos vários acontecimentos que marcam o mundo e a carreira de André Carrilho, estão no centro daquilo que esta exposição pretende ser, um panorama.

Com uma carreira de mais de 30 anos, André Carrilho já recebeu mais de cem distinções nacionais e internacionais pelo seu trabalho, inclusive foi o primeiro cartunista português a vencer o Grande Prémio do *World Press Cartoon*, em 2015. Já viu o seu trabalho exposto em Portugal, Espanha, Brasil, França, China e Estados Unidos.

O nome da exposição *Panoramas* vem da ideia de imagens grandes, mas que também pode ser interpretada como uma visão abrangente. "No fundo, cada uma destas ilustrações mostra não tanto casos particulares, que também costumo fazer, mas falam de um ponto de vista abrangente de interligação de vários assuntos", explica André Carrilho. Aqui, nesta exposição, o artista quer mostrar exatamente a visão mais panorâmica e geral da atualidade que vê através dos seus olhos. Que, nas suas obras, olha para tudo o que compõe a atualidade e cria um mosaico da realidade. Será a partir daqui que as pessoas podem olhar para os assuntos com calma e compreender toda a realidade que os rodeia.

Estas obras que estão agora expostas na Galeria Artur Bual/Casa Aprígio Gomes são peças que o cartunista investiu mais tempo a fazer, ao contrário de ilustrações que podem ser feitas mais rápido. "Não são tanto obras imediatistas, como eu costumo fazer com uma ilustração, que pode ser feita no próprio dia ou em dois dias. Estas são obras que demoraram mais tempo a conceber e a fazer". Explica que muitas delas demoraram um mês a fazer.

Esta exposição está inserida nas comemorações do 43º aniversário do município da Amadora, o *Amadora em Festa 2022*, e também fará parte da programação do 33ª edição do Amadora BD - Festival Internacional de Banda Desenhada, que vai acontecer entre 20 e 30 de outubro.

André Carrilho teve o seu trabalho publicado em várias publicações internacionais, como o *The New Yorker*, *The New York Times*, *The Independent on Sunday*, *Neue Zurcher Zeitung*, entre outras. Desde 2009 que é o cartunista residente do *Diário de Notícias*.

Apesar de ter o seu trabalho exposto e reconhecido por todo o mundo, é em casa [Amadora] que decidiu reunir estas obras que ainda não se tinham apresentado juntas. "Para mim é muito importante de repente ver este corpo de obra, vê-lo todo junto pela primeira vez e vê-lo na Amadora que é a cidade de onde eu venho e pela qual tenho um grande afeto", diz André Carrilho.

Panoramas vai estar patente até dia 6 de novembro e tem entrada livre.

sara.a.santos@dn.pt

Willem Dafoe e Christoph Waltz à deriva no Oeste

FESTIVAL Com a programação oficial de Veneza a fechar, tempo para um título fora de competição que prometia muito, *Dead for a Dollar*, de Walter Hill, o mítico realizador de *Estrada de Fogo* e *48 Horas*. Willem Dafoe e Christoph Waltz num *western* sem inspiração.

Percebe-se o convite de Alberto Barbera, o diretor do Festival, para a Universal colocar aqui *Dead for a Dollar*, o mais recente filme do veterano Walter Hill. Para já, serve como homenagem a um dos criadores veteranos de um certo imaginário do cinema de entretenimento de Hollywood nos anos 1980, depois por ser precisamente um western a contas com a memória mais cinéfila.

Neste caso, recriando uma possibilidade de fusão do *western spaghetti* com a comboiada mais clássica. Mas, infelizmente, tudo é desperdício nesta linhagem. O cheiro do Oeste tem naftalina e o recorte de nostalgia apenas se torna imposição. Este não é o mesmo de Hill de outros westerns como *A Fronteira do Perigo* e O *Bando de Jesse James*.

Christoph Waltz é um caçador de prémios do Velho Oeste, homem honrado e sério. Um solitário que aceita uma encomenda de recuperar uma dama supostamente em perigo depois de ter sido vista a seguir viagem com um ex-soldado negro. Mas as coisas não são o que parecem e já no México ele percebe que a dama em questão fugiu de deliberada vontade e que agora está em perigo: o seu marido pode ser um assassino com ligações a um temível líder criminoso. Tudo se resume a uma antecipação de um duelo em praça pública. Além de Waltz, o elenco inclui Willem Dafoe, a dar cara a um inimigo de longa data do caçador de prémios.

Dead for a Dollar desperdiça o talento dos atores, todos eles perdidos num guião tão anónimo como aborrecido. A desgraça só não é total porque essa pureza orgânica do próprio género parece ser respeitada, mesmo quando se percebe a léguas que é um exercício de estilo sem estilo. Depois das ovações monumentais a *The Whale*, *Os Espíritos de Inesherin* e *Tár*, a moda este ano é cronometrar o tempo das convenções. Ao que parece *Não te Preocupes, Querida* só terá tido quatro minutos de "standing ovation" e em Hollywood já se diz que é preocupante.

São os novos tempos de uma cultura de competição artística criminosa e abjeta. Teme-se cada vez mais que esses histerismos de reações aos filmes nos grandes festivais sejam cada vez mais fabricados pelas máquinas dos publicistas e do marketing. Triste, bem triste. Felizmente, chegou à competição o novo de Gianni Amelio, *Il Signore delle Formiche*, obra que retrata o processo do Estado italiano contra Aldo Braibanti, poeta condenado em 1968 por ser gay. Um filme sobre a Itália de ontem para combater a Itália de hoje. Boa proposta antifascista capaz de deixar qualquer plateia em suspenso...

dnot@dn.pt

Por estes dias, Walter Hill é uma sombra de si próprio. Em *Dead for a Dollar* parece filmar com tiques de série B.

Mochilas e ténis
Meio caminho andado para o regresso à escola

ESTILO Passou num instante, certo? Já anda outra vez na azáfama das compras para os miúdos voltarem à escola. Foram os manuais, há agora a extensa lista de material escolar e, muito importante, os acessórios para que eles estejam confortáveis, ágeis e sempre na moda, um critério em que eles não permitem qualquer desleixo.

SPORT ZONE

A Sport Zone tem atualmente disponíveis várias opções de sapatilhas de criança de marcas como Adidas, Puma e Reebok. Uma oferta diversificada de calçado desportivo, para que a energia seja libertada em segurança, seja qual for o piso.
Preço Converse Chuck Taylor Dinosaurs: 49,99 euros

HAVAIANAS

Mais conhecida pelos chinelos, a Havaianas também disponibiliza uma série de acessórios, como mochilas. Disponível em três modelos diferentes, a nova Havaianas Backpack Urban Journey conjuga várias cores e promete ser uma opção confortável e segura: tem um compartimento para o portátil e espaço extra para cadernos, agendas, ou até mesmo tablets e dispositivos de menores dimensões.
Preço: 24,50 euros

FJÄLLRÄVEN KÅNKEN

As mochilas da Fjällräven Kånken nasceram na Suécia, em 1978, precisamente a pensar na escola. O fundador da marca leu uma notícia sobre o aumento da dor nas costas entre os cidadãos suecos e desenvolveu uma mochila quadrada simples que não afunilava em nenhuma das extremidades. Mais de 40 anos depois, o modelo resiste e tem sido carregado por gerações de estudantes e crianças desde então.
Preço: 84,95 euros

VANS

A Vans e a Pretty Guardian Sailor Moon juntaram-se para uma colaboração especial dividida em quatro partes e inspirada nas histórias de amor e amizade da série de *anime*. A coleção inclui ainda roupa e acessórios, reunindo as histórias de Sailor Moon e das Navegantes da Lua nos modelos, tanto de roupa e calçado e nas mochilas.
Preço mochila: 48 euros
Preço ténis: 70 euros

HUNTER

A Hunter, além de roupa e acessórios, tem na sua oferta mochilas em que os miúdos se vão sentir como gente grande. O exterior de nylon é resistente à água e é perfeito para crianças aventureiras, enquanto o design quadrado e as alças acolchoadas garantem total conforto para o uso diário.
Preço: 60 euros

SWATCH DRAGON BALL Z

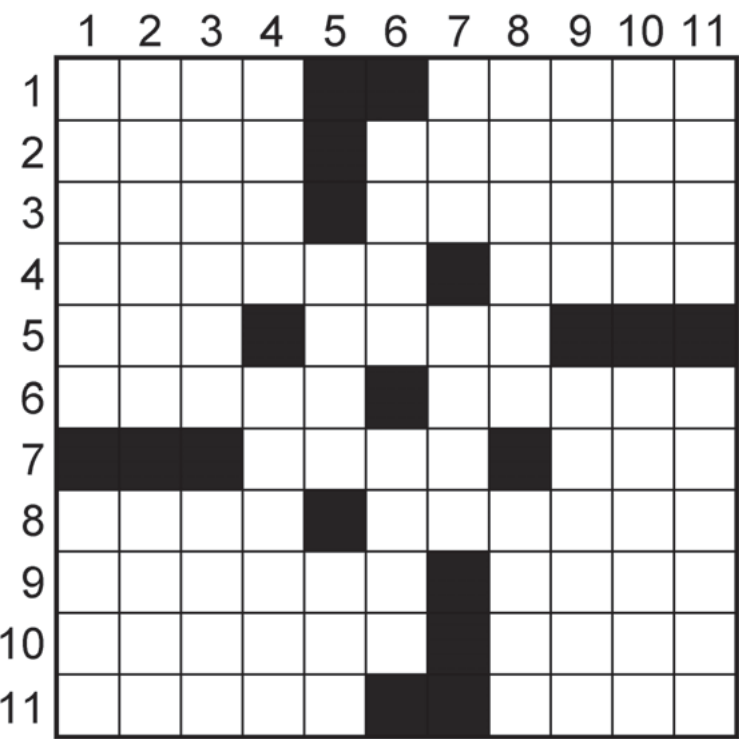
Para que não haja atrasos na hora de chegar à escola, aqui está uma sugestão que vai agradar aos fãs de Dragon Ball Z. A Swatch tem uma coleção com sete modelos que reimaginam personagens icónicas desta popular e bem sucedida história. Há duas versões ou elementos da mesma personagem na frente e no verso de cada relógio. Os nomes estão em inglês na presilha superior frontal, em japonês no verso e o logótipo Dragon Ball Z na presilha inferior.
Preço: a partir de 80 euros

SKECHERS

Os ténis da Skechers incorporaram palmilhas integradas com tecnologia Memmory Foam, que se adaptam ao pé a cada passada. Com o conforto aliado a designs atrativos agradam aos mais novos. Depois, luzes, brilhos, jogos de cores e outras aplicações fazem de um simples par de sapatilhas um verdadeiro marco de estilo, que eles adoram.
Preço: 60 euros

FILA

A linha de criança da FILA está repleta de novidades coloridas. As propostas para menina vão dos clássicos Crosscourt, com o seu design clean, aos coloridos FX Ventuno. Já os ténis para eles focam os designs desportivos de linhas simples e com fecho em velcro para lhes facilitar a vida na hora de calçar e descalçar.
Preço: 54,95 euros

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:
1. Que se percebe bem. Despedida. 2. Prover. Curativo. 3. Emboscada preparada para acometer ou atrair alguém. Modo de dizer. 4. Espécie de polme de legumes que se utiliza para a sopa ou para acompanhar outras iguarias. Irritar. 5. Sétima letra do alfabeto grego. Tencionar. 6. Cobalto (símbolo químico). Muito devoto. Sódio (símbolo químico). 7. Planta de caule lenhoso com ramos a partir da base. Regra. 8. Queima. Faixa de rio, navegável e paralela à margem. 9. Claridade. Adorno. 10. Cheira. Publica. 11. Relativo a homem. Residir.

Verticais:
1. Compact Disc. Transgride preceito religioso. Numeração romana (54). 2. Profissional de televisão ou de rádio que lê textos ou faz a apresentação de programas. Juntei. 3. Arremessa. Mercado oriental. 4. Camada inferior da sociedade. Autocarro. Rio chinês muito visitado por turistas. 5. Reza. Individual. 6. Aumentar de volume. 7. Pompa. Também não. 8. Preposição que designa posse. Espaço de 12 meses. Flanco. 9. No meio de. Ladrar. 10. Costume. Narração sucinta de um facto jocoso. 11. Ruído. Fronteira. Atmosfera.

SUDOKU

			9	7		6	4	8
		8	5				2	9
	2			4			3	5
		5	4	6	7	9		
6			2	8				
	8			1	9	5		
		2	1					3
5		3	8	9			6	
9	4		7			8		

SOLUÇÕES

3	5	1	9	7	2	6	4	8
4	6	8	5	3	1	7	2	9
7	2	9	6	4	8	1	3	5
1	3	5	4	6	7	9	8	2
6	9	7	2	8	5	3	1	4
2	8	4	3	1	9	5	7	6
8	7	2	1	5	6	4	9	3
5	1	3	8	9	4	2	6	7
9	4	6	7	2	3	8	5	1

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Claro. Adeus. 2. Dotar. Penso. 3. Cilada. Tom. 4. Puré. Irar. 5. Eta. Planear. 6. Co. Beato. Na. 7. Arbusto. Lei. 8. Assa. Lada. 9. Luz. Ornato. 10. Inala. Edita. 11. Viril. Morar.
Verticais:
1. CD. Peca. LIV. 2. Locutor. Uni. 3. Atira. Bazar. 4. Ralé. Bus. Li. 5. Ora. Pessoal. 6. Dilatar. 7. Aparato. Nem. 8. De. Ano. Lado. 9. Entre. Latir. 10. Uso. Anedota. 11. Som. Raia. Ar.

Diario de Noticias

Director — AUGUSTO DE CASTRO

NO MEIO DO GRANDE DESERTO DO OCEANO

PORTUGAL no estrangeiro

O CENTENARIO da independencia do Brasil

A GRANDE DERROTA GREGA

A' PUNHALADA e a tiro

AQUELE ROSSIO...

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 9 DE SETEMBRO DE 1922 PARA LER HOJE

SELEÇÃO DO ARQUIVO DN
POR **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

O CENTENARIO da independencia do Brasil

NO RIO DE JANEIRO

Um imponente cortejo luminoso

Uma grandioso récita de gala

A chegada do "Carvalho Araujo"

RIO DE JANEIRO, 7.—O cortejo luminoso em honra das embaixadas percorreu as avenidas principais, no meio do entusiasmo da multidão, que se comprimia para o vêr passar.

O cortejo oferecia um aspecto deslumbrante. Nele figuravam centenas de grandes «panneaux» iluminados, montados em rodas, que soldados reservistas conduziam e nos quais se liam grandes disticos alusivos á independencia do Brasil, como os nomes dos Estados da Confederação brasileira e os nomes das primeiras individualidades historicas: imperadores, presidentes da Republica, etc.

Causou um verdadeiro sucesso este numero do programa das festas, que era realmente de um efeito maravilhoso.

Ao fogo de artificio no Campo de S Cristovam, que em seguida se realizou acudiram muitos milhares de pessoas.—(Especial).

Na recita de gala, o lugar de honra para Portugal

RIO DE JANEIRO, 7.—No teatro Municipal, realizou-se a recita de gala promovida pela comissão executiva do centenario, sendo as entradas por convites, O teatro encheu-se por completo. Assistiram todas as embaixadas, corpo diplomatico, altas patentes do exercito e da armada nacionais e estrangeiras, senadores, deputados, magistratura, funcionalismo superior, etc.

O camarote visinho da tribuna presidencial foi destinado ao embaixador e á embaixatriz de Portugal e aos aviadores portugueses Gago Coutinha e Sacadura Cabral.

O sr. Presidente da Republica e sua esposa foram delirantemente aclamados. Quando eles entraram, a orquestra executou o hino nacional.

O espectaculo constou da opera «Guarany», do compositor brasileiro Carlos Gomes, sob a regencia do maestro Mascagni. Foi um sucesso estrondoso. Os scenarios, feitos expressamente, eram uma maravilha. Os córos foram feitos por 140 vozes, entre elas as dos alunos da Escola de Canto Teatral do Teatro Municipal.—(Especial).

O «Carvalho de Araujo» chegou ao Rio de Janeiro no dia 7!

RIO DE JANEIRO, 8, á 1 hora e 15 da madrugada.—Ontem, as 6 horas e meia da tarde, entrou na baia do Guanabára o cruzádor «Carvalho Araujo». O seu aparecimento causou entusiasmo e sensação, porque já ninguem esperava que ele conseguisse chegar ao Rio no dia 7. A marcha nas ultimas horas foi aceleradissima, tendo atingido a velocidade de catorze milhas.—(Especial).

Um "raid" interrompido

RIO DE JANEIRO, 7.—O aviador argentino Fels, que empreendeu a travessia Buenos-Aires-Rio de Janeiro, para tomar parte nas festas do centenario, foi forçado a descer no Paraty, Estado do Rio de Janeiro, por motivo de um pequeno desarranjo no aparelho.—(Especial).

OS TERRORISTAS EM ACÇÃO

A' PUNHALADA e a tiro

O sr. Sergio Principe foi ontem alvo dum atentado, ficando gravemente ferido

Ontem, ao fim da tarde, foi praticado um atentado contra um comerciante muito conhecido na praça de Lisboa, o antigo ferro-viario e um dos principais organizadores da Confederação Patronal, sr. Sergio Principe, o qual ficou gravemente ferido.

Na calçada do Correio Velho, n.º 8, possue o sr. Sergio Joaquim Principe, de 39 anos, casado com a sr.ª D. Herminia Pires Principe, natural de Elvas e residente na rua do Conde Redondo, 55, 1.º, um estabelecimento de mercearia, papelaria, e escritorio.

Pouco depois das 5 horas da tarde, o sr. Sergio Principe saiu do seu escritorio, e descendo a calçada até ao largo de Santo Antonio da Sé, foi nesta altura agarrado violentamente por dois individuos de boina, tipo de operarios, que o arremessaram ao sólo. Então, um deles, brandindo um punhal, enterrou-lho nas costas, enquanto o outro, que já se tinha distanciado, disparava dois tiros de revólver, que o atingiram no ventre.

Ao som das detonações, assomaram á janela alguns empregados do escritorio do referido estabelecimento, que dispararam varios tiros, contra os bandidos, não os atingindo.

O guarda n.º 177 que se encontrava nesse momento na rua da Sé, regularizando o transito de veiculos, correu imediatamente para o local, conseguindo ainda perseguir os autores do atentado, os quais desapareceram após o terem descido as escadinhas do Quebra-Costas.

Da casa Principe & C.ª foram imediatamente pedidos socorros á Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha, que enviou para o local um dos seus automoveis, sendo então o ferido transportado para o hospital de S. José, acompanhado pelo guarda-livros do estabelecimento e pelo civico já citado. Naquele estabelecimento foi operado da laparatomia pelos cirurgiões de serviço srs. drs. Medeiros de Almeida e Santos Paiva, recolhendo depois em estado grave á sala de observações.

Os criminosos abandonaram no local um punhal de grandes dimensões com que feriram a sua vitima, e que ali foi encontrado por um menor que o entregou á policia. O cabo dêsse punhal estava envolvido num papel dactilografado em que dizia que o sr. Sergio Principe fôra condenado á morte pela Legião Vermelha, por ser o antigo sindicalista e ferroviario o principal factor da Confederação Patronal.

O ferido, que com dificuldade falava, só póde pronunciar as seguintes palavras:

—Os bandidos eram de pouca idade e tinham tipo de operarios.

No hospital verificou-se que o sr. Sergio Principe apresentava um ferimento na região lombar, resultante da punhalada, e um outro no ventre, com varias perfurações nos intestinos, produzido por bala.

A lamina do punhal apresentava aderida uma massa branca, que se julga venenosa.

O atentado contra o "Avante"

José Gomes Pereira, o «Avante», em tratamento no posto da Misericordia, continua melhorando.

Já foram entregues á policia de investigação os três individuos presos como supostos autores do atentado, tendo ontem á noite o agente Costa, da 4.ª secção, interrogado um deles, Bernardo Costa, de 18 anos, ajudante de estucador, da rua Verissimo Dias, 56.

Hoje deve ser ouvido Alvaro Damas, de 1[illegible] anos, serralheiro, da rua da Cascalheira, 22, a quem foi apreendida a bainha dum punhal.

O outro preso, José de Almeida Figueiredo, de 17 anos, ferreiro, da rua Campo de Ourique, 9, continua detido numa esquadra, esperando ser interrogado e levantada a sua incomunicabilidade.

COM O APOIO INSTITUCIONAL:

A VIAGEM PRESIDENCIAL AO RIO DE JANEIRO

NO MEIO DO GRANDE DESERTO DO OCEANO

De como uma avaria na máquina trigorifica do "Porto" determinou a arribada a Las Palmas

Um grave conselho de oficiais a que presidiu o comandante Afonso Dionisio

(Do nosso enviado especial)

De bordo do vapor «Porto», ás 6 horas da tarde de 31 de agosto.

Escrevo-lhes do alto mar. Para muitos, esta expressão «alto mar» ainda conserva bastante do misterio que ha seculos tornava receosos os mareantes das nossas caravelas da India e da Costa da Mina; mas quantos não hão de quasi sorrir-se se souberem que este alto mar, a três dias de viagem de Portugal, está tão manso, tão manso, como o Tejo! De resto, a travessia tem sido quasi toda assim, um mar de rosas, no qual só ontem, ao começo da madrugada, vimos brilhar os faróis mortiços dum barco carvoeiro, e, neste momento, lá muito ao longe, a estibordo do «Porto», se desenha a silhueta dum vapor fumegando. Estamos sós, no claustro imenso que é o Oceano, claustro verde e azul de silencio e de meditação que aviva a saudade e nos atrái, de encantados que vamos a contempla-lo!

6 horas. A hora melancolica das tardes em que o sol se despede suavemente, estendendo-se ao comprido por sobre as aguas eternamente eguais e constantemente diversas, batendo contra o costado do navio a entoar a soturna canção de sempre!

A avaria no frigorifico e as dificuldades que ela levantou

Vamos a caminho de Las Palmas.

Já ante-ontem se notára que o peixe que era servido, não se apresentava no estado de conservação desejado. Ontem, o medico de bordo, sr. dr. Mendes Calixto, inspecionou os frigorificos, verificando que, não só uma parte daquele produto estava avariada, como ainda uma parte da carne e dos legumes devia ser deitada ao mar por ser incapaz para o consumo.

Era urgente dar remedio á situação. Que fazer? Mudar de rumo um pouco para noroeste e demandar a Madeira, ou continuar para o sul e aproar a Las Palmas, onde, feitas já as indispensaveis reparações, se receberiam novos mantimentos? Considerando-se a vantagem politica de se procurar o Funchal, para lá fizemos rumo cêrca das 9 e 30 da manhã, depois de serem ouvidos os srs. Presidente da Republica e ministro dos Negocios Estrangeiros. Chegou-se até a encarar a possibilidade de se esperar naquele porto a chegada do «Lourenço Marques» e de se realizar para ele o trasbordo do Chefe do Estado e da sua comitiva. Houve tambem quem lembrasse um radiagrama ao paquete «Arlanza», ancorado no Funchal, para que aguardasse o «Porto», caso nele se encontrassem alojamentos para o sr. dr. Antonio José de Almeida e para algumas das pessoas que constituem o seu sequito. O sr. dr. Barbosa de Magalhães chegou a redigir telegramas cifrados ao sr. governador civil naquela ilha, pedindo-lhe que apronta sse os mantimentos necessarios a bordo.

A ideia da passagem para o «Arlanza» foi rapidamente posta de lado. O vapor devia sair do Funchal pelo começo da tarde e, alem disso, seria improvavel que houvesse lugar a seu bordo.

Dois verdadeiros homens do mar

Outra resolução que não fosse a de continuar a viagem no «Porto», causaria grande magua aos bravos marinheiros que, com uma dedicação sem igual e um esforço de todos os momentos, têm procurado melhorar as condições dificeis em que o navio saiu do Tejo.

Se se quiser ser justo, dir-se-á um dia que, nesta viagem maritima, duas nobres figuras de homens do mar merecem relevo especial e a gratidão comovida de quantos se encontram a bordo: o comandante Afonso Dionisio e o chefe de maquinistas Jacinto de Sousa. O comandante Dionisio, em cujo peito o colar da Torre e Espada recorda o mais brilhante feito da marinha mercante portuguesa durante a Grande Guerra, com o afundamento dum submarino, atirando-lhe para cima com o «Machico», que lhe fôra confiado — o comandante Dionisio, escrevia eu, é um homem de rija tempera, que julgaramos desaparecida entre portugueses. Na sua tez morena reflectem-se aquela «vontade de querer» que os alemães julgam sua privativa, e a sinceridade das suas palavras e das suas acções; ha uma expressão de serena energia, de inabalaveis decisões, em que o bom senso não falta. Os seus 21 anos consecutivos de mar — o comandante tem apenas 38 anos — deram-lhe á fisionomia «rasée» um aspecto de rigidez nos momentos. Como sucede com o chefe de mecanicos Sousa, não ha contrariedade que o desarme, nem obstaculo a que não meta ombros, confiante em que o resolverá. E', de resto, um homem com um elevado sentido das suas responsabilidades e uma força de atracção que lhe ganhou rapidamente a simpatia de todos.

Quanto a Jacinto de Sousa, o heroi quasi apagado desta travessia, que se ocupa do coração do «Porto», lá em baixo, na casa das maquinas, é o tipo do chefe-operario que dá o exemplo do trabalho arduo e incessante. Só uma vez o lobriguei no convés, com a farda azul e galões de ouro, numa visita acidental cá cima, ao ar livre.

De resto, a sua existencia é no seio do navio, com um fato de ganga cheio de manchas de oleo e a cara enfarruscada. Antes de sair do Tejo, ele não repousou enquanto as maquinas do «Porto» não permitiram a largada; e, depois, no mar largo, ele tem sido o vigia infatigavel das pulsações daquele grande coração a que vai entregue o nosso caminho através deste mar que nunca mais se acaba. Esta manhã, quando foi procurar o comandante para lhe dizer que o frigorifico estava escangalhado e que a bomba centrifuga não funcionava, as lagrimas escorriam-lhe pela cara, que os vendavais do oceano crestaram. Não eram, porém, lagrimas de desanimo: eram lagrimas de raiva. Pois ele não poupára o seu repouso, despresára as horas das refeições, entregara-se completamente ao seu trabalho para abater todas as dificuldades, e quando, finalmente, supunha que os sacrificios tinham terminado, surgiam-lhe dois obstaculos enervantes! Podia lá ser!

A gratidão que se deve ao comandante Dionisio e o chefe-maquinista Jacinto de Sousa tambem devia pesar um pouco na balança das resoluções.

O conselho de oficiais do vapor "Porto"

Como já tive ensejo de lhes dizer, reuniu-se o conselho de oficiais para se apresentar ao sr. ministro dos Negocios Estrangeiros um conjunto de hipoteses que lhe permitisse formar uma opinião e adoptar uma resolução. Assistiram ao conselho, que se realizou no camarote do comandante Afonso Dionisio, além deste os seguintes oficiais: Antonio Bettencourt, imediato; João Evangelista Mendes Calisto, medico; Jacinto Vieira de Sousa, 1.º mecanico; Diogo Alfredo da Silva, 1.º oficial piloto; A. Paulino Mendes, comissario; Eduardo Henrique Lopes de Sequeira, 2.º oficial piloto; Alexandre da Fonseca, 3.º oficial piloto.

Tambem esteve presente o capitão de fragata Coriolano da Costa, comandante de bandeira. Lavrou-se uma acta, sêca mas expressiva. Primeiro colocavam-se a questão e a necessidade de se tomarem mantimentos, e, depois, apresentavam-se três hipoteses de resolução. Na hipotese numero 1 falava-se em seguir a marcha até Cabo Verde mas obtemperava-se a escassez de recursos do porto de S. Vicente e a possibilidade de novos desgostos pelo facto de se terem dado ali alguns casos de peste bubonica. A segunda hipotese apontava a arribada a Las Palmas que ficava na linha de navegação e onde se encontrariam os elementos necessarios não só para quaisquer reparações de maquinismo como ainda em provisões. Obtemperava-se, porém, que se tratava dum porto estrangeiro. A ultima hipotese era respeitante á arribada ao Funchal onde, igualmente, o «Porto» teria aquilo que lhe fôsse preciso; mas considerava-se o inconveniente de ter de fazer-se um desvio de 400 milhas.

A acta terminava dizendo que, em qualquer dos casos, a demora devia ser reduzida a 24 horas, e prometendo que a marcha viria a ser, normalmente, de 12 milhas. O capitão de fragata sr. Coriolano da Costa assinou por debaixo das palavras: «Assisti e concordo».

"Siga-se para Las Palmas"

O documento foi levado ao sr. ministro dos Negocios Estrangeiros que, depois de ter ouvido o sr. Presidente da Republica, despachou: «Siga-se para Las Palmas».

Devemos chegar ali ao romper do dia. O «Porto», arvorando apenas a flamula de navio de guerra, ancorará no porto exterior de Las Palmas, mantendo-se, assim, o incognito do Chefe do Estado. Até lá, vai-se procedendo á reparação do frigorifico. Depois, no ancoradouro, desmontar-se-á uma das maquinas cujo funcionamento não é regular, ou melhor, um dos respectivos cilindros, na esperança de se obter uma marcha de 12 a 13 milhas. Confiemos em que outras contrariedades não surjam, pois já temos sofrido bastantes. Hoje mesmo, entupiu-se o injector das cinzas. Foi um contratempo insignificante que um fogueiro resolveu descendo pelo costado e desentupindo-o, mas foi sempre um contratempo.

Confiemos!...

Acurcio Pereira

A resposta de Afonso XIII ao telegrama do sr. dr. Antonio José de Almeida

Bordo do vapor «Porto» (via S. Vicente), 19. — O sr. Presidente da Republica recebeu no dia imediato ao da saida de Las Palmas, o seguinte radiograma do rei de Espanha:

Presidente de Portugal — Muito agradeço o amavel telegrama que vossa excelencia me dirigiu de Las Palmas. Faço votos fervorosos por que se realize com toda a felicidade a viagem ao Brasil, enviando-lhe uma afectuosa saudação. — Afonso, Rei.

Os jornalistas portugueses radiografaram ao jornal «A Patria», do Rio de Janeiro, saudando por seu intermedio a imprensa brasileira.

A noticia de ter sido aberto um inquerito sobre os antecedentes da viagem do vapor «Porto» causou a bordo a melhor impressão. — A. P.

lotaria popular EXTRAÇÃO: 036/2022
1.º PRÉMIO: 45841 - 2.º: 63680 - 3.º: 70022 - 4.º: 66627
NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

Sp. Braga entra a ganhar na Liga Europa

O Sporting de Braga entrou ontem a ganhar na Liga Europa de futebol, ao vencer por 2-0 na visita aos suecos do Malmö, na primeira jornada do Grupo D da competição. Bruno Rodrigues inaugurou o marcador, aos 30 minutos, e Ricardo Horta, na transformação de uma grande penalidade, aos 70' minutos, fechou o resultado. Graças ao triunfo, os minhotos lideram o Grupo D, com três pontos, os mesmos dos belgas do Union Saint-Gilloise, que também esta quinta-feira derrotaram os alemães do Union Berlin.

EPA/ANDERS BJURO

Constitucional valida resultados que dão vitória ao MPLA

ANGOLA A cerimónia de posse de João Lourenço, reeleito presidente angolano, vai realizar-se a 15 de setembro, anunciou a Presidência.

O Tribunal Constitucional (TC) validou ontem os resultados das eleições gerais anunciados pela Comissão Nacional Eleitoral (CNE), que dão a vitória ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a última instância de recurso. Assim João Lourenço vai tomar posse já no dia 15.

Finda esta etapa, e segundo a juíza presidente Laurinda Cardoso, está concluída a fase de contencioso eleitoral e devem ser investidos nas respetivas funções o presidente da República, João Lourenço, a vice-presidente, Esperança da Costa, e os deputados à Assembleia Nacional eleitos.

Laurinda Cardoso, que leu uma declaração sem direito a perguntas, afirmou que o Tribunal Constitucional, nas suas vestes de tribunal eleitoral, a quem compete em última instância validar as eleições, concluiu a análise dos recursos do contencioso submetidos pela Convergência Ampla de Salvação de Angola - Coligação Eleitoral (CASA-CE) e União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA).

Segundo a magistrada, o tribunal procedeu a uma verificação minuciosa e cuidada dos elementos de prova apresentados pelos recorrentes (os partidos) e pela recorrida (Comissão Nacional Eleitoral) do qual resultou um relatório síntese.

Feito o confronto dos elementos de prova, os juízes decidiram em sessão plenária negar provimento às pretensões dos recorrentes pelo que o TC declara válidos os resultados definitivos anunciados pela CNE, no quadro das eleições gerais, indicou.

A juíza realçou que os acórdãos não têm recurso, pelo que transitam automaticamente em julgado. "Nesta conformidade, e concluída a fase de contencioso eleitoral pode proceder-se à publicação em Diário da República da ata dos resultados definitivos para todos os efeitos legais", anunciou.

Na semana passada, o presidente da CNE, Manuel Pereira da Silva, divulgou a ata de apuramento final das eleições gerais de 24 de agosto, que proclamou o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e o seu candidato, João Lourenço, como vencedores com 51,17% dos votos, seguido da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) com 43,95%.

LUSA

BREVES

Danielle chega à Península Ibérica no fim de semana

O Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) anunciou que "o ex-furacão Danielle completou [ontem] a sua transição para ciclone extratropical". Com isto, explica o IPMA, torna-se assim "uma depressão mais típica das latitudes médias nesta época do ano", que deve chegar à Península Ibérica "no próximo fim de semana, provocando uma alteração significativa do estado do tempo em Portugal continental". No dia 11, acrescenta a entidade, estão previstas chuvas persistentes, por vezes intensas, que podem ser acompanhadas de trovoadas a partir da tarde no litoral norte e centro. Está prevista a continuação do estado do tempo pelo menos até dia 13. Está também previsto um aumento da agitação marítima, com previsão de ondas entre 2,5 a 3,5 metros. "Tendo em conta a elevada incerteza da previsão não só nas quantidades de precipitação acumulada como na sua localização", o Instituto Português do Mar e da Atmosfera refere que "vai continuar a acompanhar a situação e este comunicado será atualizado no dia 9 de setembro, pelas 18 horas", lê-se no comunicado divulgado no site da entidade.

Jornalista do DN vence prémio da ANMP

A jornalista Céu Neves, do DN, venceu o prémio da Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP) com uma reportagem sobre os refugiados afegãos em Cascais publicada a dia 9 de novembro de 2021. "Os prémios são um reconhecimento importante do nosso trabalho e a confirmação de que estamos a fazer bom jornalismo, o que para mim se torna ainda mais importante ao fim de tantos anos de profissão. Os últimos anos têm sido difíceis, não só para o DN, como para os media em geral. Somos confrontados diariamente com inverdades que conseguem rapidamente 'cliques' sem haver a preocupação de quem as consome – e partilha – em averiguar da sua veracidade, ao contrário de uma reportagem que levou tempo – sempre menos do que gostaríamos – e feita com honestidade. Obviamente, respeitando a ética profissional", referiu Céu Neves. "E, às vezes, também contamos boas histórias, como esta da família Malik que fugiu do Afeganistão, após a tomada do poder pelos talibãs, há um ano. Acolhidos pela Câmara Municipal de Cascais, toda a comunidade e instituições locais se envolveram, e a família continua a dar passos para se tornarem cada vez mais autónomos. O valor deste prémio servirá, também, para esse fim", acrescentou a jornalista. A cerimónia de entrega do prémio está marcada para o próximo dia 20 de setembro, pelas 10h00, na sede da ANMP, em Coimbra.

Conselho de Administração Marco Galinha (Presidente), Domingos de Andrade, Guilherme Pinheiro, António Saraiva, Helena Maria Ferreira dos Santos Ferro de Gouveia, José Pedro Soeiro, Kevin Ho e Phillippe Yip **Secretário-geral** Afonso Camões **Diretora** Rosália Amorim **Diretor-adjunto** Leonídio Paulo Ferreira **Subdiretora** Joana Petiz **Data Protection Officer** António Santos **Diretor de Tecnologias e Sistemas de Informação** David Marques **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 28 571 441,25 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção e Patrícia Lourenço **Direção Comercial** Frederico Almeida Dias e Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital social:** KNJ Global Holdings Limited – 35,25%, Páginas Civilizadas, Lda. – 29,75%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 24,5%, Grandes Notícias, Lda. - 10,5% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

56024

5 605290 023026

RAINHA ISABEL II 1926-2022

Destacável de 8 páginas para guardar

Desembarque da rainha Isabel II e de Filipe, duque de Edimburgo na Doca do Comércio, em Setúbal

ARQUIVO DN

O MAL-AMADO CARLOS SUCEDE À "ROCHA" BRITÂNICA

O homem que estava a ser industriado há 70 anos para este momento dificilmente poderá fazer sombra aos 70 anos de reinado da mãe, uma instituição dentro da instituição. Para já tem de ganhar o apoio popular: só um quarto dos britânicos defendiam que o príncipe de Gales deveria ser o sucessor de Isabel II.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

A notícia da morte surgiu às 18h30, exatamente seis horas depois de um comunicado do Palácio de Buckingham ter anunciado que "os médicos da rainha" estavam "preocupados" com o seu estado de saúde. Foi o tempo de os seus familiares mais próximos viajarem de avião para o castelo de Balmoral – o refúgio de verão na Escócia – e reunirem-se junto do leito régio, onde a monarca de 96 anos "morreu em paz". Foi o tempo, também, para se preparar o país para o "choque gigantesco", como disse a última chefe de governo indigitada por Isabel II, Liz Truss. Morta a rainha, como dita a tradição do sistema monárquico, o primeiro na linha de sucessão, o filho mais velho, tornou-se no novo chefe de Estado do Reino Unido mas também, manifestação da singularidade britânica, de outros 14 estados independentes.

Em outubro do ano passado, Isabel II e o filho primogénito plantaram uma faia no lançamento da campanha do jubileu, os festejos dos 70 anos de reinado, depois de ter sucedido ao pai, Jorge VI. (A propósito, os *media* britânicos contabilizam 1500 árvores plantadas pela rainha, em cerimónias, um pouco por todo o mundo). A partir daí apareceu em público fragilizada, quando não cancelou os compromissos públicos. No dia 12 de outubro foi vista pela primeira vez a andar com a ajuda de uma bengala. Nesse mesmo mês esteve internada uma noite num hospital de Londres, tendo sido aconselhada a "abrandar o ritmo".

No início do ano visitou a exposição de flores de Chelsea num carrinho motorizado. No mês seguinte, foi infetada com covid, doença que mais tarde admitiu tê-la deixado "exausta". O Palácio de Buckingham disse apenas que a rainha sofria de "problemas de mobilidade episódica". Com o passar dos meses foi-se afastando das cerimónias, do discurso (escrito pelo governo) que marca a abertura do ano legislativo ao desfile militar que assinala o seu aniversário.

O declínio da saúde de Isabel II deu-se pouco depois da morte, em abril, do seu marido Filipe, duque de Edimburgo, aos 99 anos. Como cantava Morrissey, em 1986, no famoso tema dos The Smiths *The Queen is Dead*, *"Life is very long when you're lonely"* (a vida é muito longa quando se está só).

Quem seguia o debate sobre a crise energética na Câmara dos Comuns apercebeu-se de que algo não estava bem. Momentos antes do inusitado anúncio do boletim médico da monarca, o ministro Nadhim Zahawi sentou-se junto da nova primeira-ministra e entregou-lhe uma nota. Pouco depois foi a vez do líder da oposição também ser notificado.E ambos abandonaram a Câmara. Liz Truss escreveu no Twitter uma mensagem a preparar para o pior: "Todo o país ficará profundamente preocupado com as notícias do Palácio de Buckingham".

Por motivos de saúde, Isabel II recebeu em audiências Truss e o primeiro-ministro cessante Boris Johnson em Balmoral. Foi o último ato da soberana. Na quarta-feira, cancelou a participação numa reunião com os conselheiros políticos.

Com o agravamento do estado de saúde, todos os filhos da monarca, o então herdeiro ao trono príncipe Carlos, de 73 anos, a princesa Ana, de 72, o príncipe André, de 62, e o príncipe Eduardo, de 58, ou estavam em Balmoral ou dirigiram-se para lá, o mesmo tendo acontecido com os netos William, de 40 anos, e Harry, de 37.

Durante a tarde as emissões televisivas mudaram para um tom solene e fúnebre, com os jornalistas e comentadores já vestidos de luto. Populares juntaram-se em frente ao Palácio de Buckingham, apesar de lá não estar qualquer membro da família real. A notícia do falecimento foi tornada pública às 18h30, mas aconteceu horas antes. A pri-

O declínio da saúde de Isabel II começou em outubro do ano passado, quando foi vista pela primeira vez com uma bengala, e deu-se meio ano após a morte do marido, Filipe, duque de Edimburgo.

RANALD MACKECHNIE/ROYAL MAIL/AFP

NEIL HALL/EPA

A rainha rodeada por Carlos, William e George, a linha de sucessão ao trono britânico. O novo rei assumiu o nome de Carlos III e o filho passará a ser príncipe de Gales.

Apesar da chuva, milhares de britânicos fizeram questão de prestar a última homenagem à rainha junto ao palácio de Buckingham.

meira-ministra foi informada às 16h30. Poucos minutos depois do anúncio oficial, Liz Truss, que poucas horas antes entrara sorridente no número 10 de Downing Street, prestou tributo à porta da residência e gabinete oficial do chefe do executivo. "Estamos todos devastados com as notícias que acabámos de ouvir de Balmoral. A morte de sua majestade a rainha é um enorme choque para a nação e para o mundo. A rainha Isabel II foi a rocha sobre a qual o moderno Reino Unido foi construído. O nosso país cresceu e floresceu sob o seu reinado. O Reino Unido é o grande país que é hoje por causa dela", disse a líder conservadora, que terminou o discurso com um "Deus salve o rei".

A independentista Nicola Sturgeon, líder do executivo escocês, deixou de lado as divisões políticas. Afirmou que o passamento da rainha foi "um momento profundamente triste para o Reino Unido, para a Commonwealth e para o mundo" e, "em nome do povo da Escócia", transmitiu as "mais profundas condolências ao rei e à família real". Tendo a morte acontecido na Escócia, explica o jornal escocês Herald, entrou em ação a chamada Operação Unicórnio. "Entende-se que se a rainha morrer na Escócia, o Parlamento, o palácio vizinho de Holyroodhouse, e a catedral de Santo Egídio serão os principais pontos focais", escreveu o jornal. O palácio é a residência oficial da monarca em Edimburgo, e a catedral é uma das mais importantes igrejas medievais da capital escocesa. "Se a rainha falecer na Escócia, o seu corpo descansará em Holyroodhouse, após o que o seu caixão será levado para a catedral na Royal Mile (em Edimburgo)", noticiou o jornal. O funeral de Estado deverá realizar-se nas próximas duas semanas.

E agora, Carlos

O sucessor tem nas mãos uma tarefa que muitos consideram impossível. A caminho dos 74 anos, o seu reinado não poderá ter mais do que um quarto da longevidade do que o da mãe. E não só uma questão de permanência no trono com que o até agora príncipe de Gales tem de lutar. A rainha era uma figura de popularidade indesmentível. Como disse o líder da oposição: "No momento em que a nossa grande era isabelina chega ao fim, honraremos a memória da falecida rainha mantendo vivos os valores do serviço público que ela encarnou. Durante 70 anos, a rainha Isabel II permaneceu no topo do nosso país. Mas em espírito ela permaneceu entre nós", afirmou Keir Starmer. Em abril, uma sondagem da Ipsos publicada no *The Independent* revelava que 42% dos britânicos preferiam que Carlos cedesse a vez ao filho William, enquanto 24% defendia o direito à sucessão. Outro dado importante, 29% dos inquiridos não se mostraram interessados no assunto. Ainda assim, quase metade (48%) acreditava que Carlos iria desempenhar bem as funções de rei.

> Rompendo com o passado, Carlos foi o primeiro herdeiro do trono britânico a ser educado na escola e formou-se em Cambridge. Foi militar e desportista. Mas a história do príncipe encantado ruiu com o fim do casamento com Diana Spencer.

E se há pessoa nas ilhas britânicas preparada para ascender ao trono é Carlos Filipe Artur Jorge. A sua educação foi nesse sentido desde os três anos, quando se tornou herdeiro na sequência da entronização da mãe em 1952. E foi diferente da educação dos anteriores futuros monarcas, que não saíam das propriedades reais e aprendiam pelos tutores. Carlos frequentou escolas em Inglaterra e Escócia e tornou-se no primeiro herdeiro britânico diplomado. Mais tarde fez carreira na Força Aérea e na Marinha. Antes de ser conhecido com um ambientalista e adepto da jardinagem, foi um desportista que dividia o tempo entre as modalidades a cavalo (polo, corridas) e aquáticas (mergulho, surf), além do ski.

A história do príncipe encantado – quando se casou com Diana Spencer em 1981 perante 750 milhões de telespetadores – ruiu com o casamento e posterior morte da "princesa do povo", uma mulher que marcou mais os britânicos do que o seu marido e a sua nova mulher, Camilla Parker Bowles, duquesa de Cornualha e agora rainha consorte. Carlos, que vai ser o britânico mais velho a chegar ao trono, passa a ser o líder de uma família com disputas públicas e acusações de racismo. E com o Reino Unido a pagar o preço do Brexit e da guerra na Ucrânia, e uma nova líder no executivo a prometer reformas radicais, não se augura um início de reinado tranquilo para Carlos III.

cesar.avo@dn.pt

HERDEIRA IMPROVÁVEL, MECÂNICA DE GUERRA E NOIVA APAIXONADA

Aos dez anos, após a abdicação do tio, a princesa Isabel passa a ser a primeira na linha de sucessão. Foi o fim da vida pacata. Mas ainda antes de subir ao trono, aos 25 anos, após a morte do pai, a filha mais velha de Jorge VI viveu a II Guerra Mundial, tendo servido, aos 18 anos, no Women's Auxiliary Territorial Service.

TEXTO **HELENA TECEDEIRO**

A 8 de maio de 1945, Isabel aparece na varanda do palácio de Buckingham, de uniforme, ao lado do pai e da mãe, os reis Jorge VI e Isabel, do primeiro-ministro, Winston Churchill, e da irmã, Margarida. A guerra acabara na Europa e lá em baixo a multidão celebrava em delírio, após anos de bombardeamentos e incerteza. Ao fim do dia, a sempre impetuosa Margarida sugeria irem ver a festa de mais perto. Os reis acederam e as duas irmãs lá foram, de braço dado, pelas ruas de Londres. Acompanhadas pela governanta Marion Crawford, as raparigas gritaram "queremos o rei!", enquanto caminhavam até Park Lane e de volta ao palácio. "Todos nos deixámos levar pelas ondas de felicidade e alívio", lembraria Isabel mais tarde.

Nascida de cesariana a 21 de abril de 1926, Isabel Alexandra Maria era a primeira filha do duque de York e de Isabel Bowes-Lyon. Terceira na linha de sucessão ao trono, tudo indicava no entanto que tanto o seu tio Eduardo, o príncipe de Gales, iria ter filhos, como os seus próprios pais ainda teriam um varão. Mas o destino não o quis assim. Eduardo subiu ao trono em 1936, mas menos de um ano depois abdicava para casar com a americana Wallis Simpson, uma mulher divorciada, pecado então inaceitável na rígida monarquia britânica. O irmão sucedeu-lhe, tornando a filha mais velha na nova herdeira do trono.

Isabel tinha dez anos quando a sua vida mudou. Para trás deixava a existência pacata na sua casa junto a Hyde Park, onde os companheiros de brincadeiras eram filhos dos médicos e empresários da vizinhança e membros da realeza. Também a educação de Isabel sofreu uma mudança radical. Até então, a jovem princesa estava entregue aos cuidados de Marion Crawford, a governanta francesa que os pais tinham encarregue de dar uma educação "decente", uma vez que a sua prioridade era dar às filhas "uma infância feliz, com muitas memórias agradáveis". Mais habituada a passar os tempos livres a brincar com os cães ou a andar a cavalo do que a fazer os trabalhos de casa, a menina que dizia querer casar com um camponês e ter uma quinta passou a ter aulas de História Constitucional com o vice-reitor de Eton, reforçando a ideia de que a monarquia tinha de se adaptar e falar diretamente aos súbditos.

Ao contrário dos monarcas que a precederam, Isabel conviveu de perto com o pai, "partilhando o seu sentido do dever e compromisso com uma vida de serviço público", escrevia a historiadora real Carolyn Harris em 2012, sublinhando que a proximidade entre os dois iria mais tarde marcar o reinado de Isabel II "que combinou o exemplo de dever e serviço público do pai com a sua visão inovadora da prática da monarquia constitucional".

Três anos depois da mudança para Buckingham, nova reviravolta: em 1939 começa a guerra. Isabel tem 14 anos. Margarida nove. O governo não tardou a pressionar os reis para que enviassem as filhas para o Canadá. A resposta da rainha foi clara: "As meninas não saem sem mim. Eu não saio sem o rei e o rei nunca vai sair". Nos primeiros anos do conflito, as irmãs limitaram-se a ir mudando de residência em residência, até que, perante o racionamento de alimentos e os cortes constantes de energia em Londres, os monarcas decidiram mandá-las para Windsor, onde ficariam até ao fim da guerra enquanto os pais continuavam na capital, ao lado dos seus súbditos durante os bombardeamentos.

Longe dos pais, as princesas tornaram-se no símbolo de todas as crianças britânicas separadas das famílias pela guerra. No que na altura muitos descreveram como um golpe de propaganda, aos 14 anos Isabel fez o seu primeiro discurso radiofónico, na Children's Hour da BBC. A jovem princesa apelou a todas as crianças para terem coragem e determinação e mostrando-se convicta no regresso da paz: "Quando a paz voltar, lembrem-se, caberá a nós, crianças de hoje, tornar o mundo de amanhã um sítio melhor e mais feliz", afirmou.

Empenhada em dar o seu contributo, Isabel começou por organizar todos os Natais, com a irmã, uma

PLANET NEWS / AFP

Isabel, Margarida e os pais à chegada à abertura do Royal Tournament em Londres.

AFP

Aos 18 anos, Isabel conseguiu finalmente autorização do pai para se alistar no Women's Auxiliary Territorial Service. Ali aprendeu a conduzir e a trabalhar como mecânica.

AFP

Em 1947, casou com Filipe Mountbatten, o homem que, nos festejos dos 50 anos de casamento, Isabel disse ser a sua "força". Tiveram quatro filhos (na foto Carlos e Ana) .

Apaixonada pelos corgis e pelos cavalos

Em fevereiro de 2015 surgia a notícia: a rainha Isabel II não aceitara o presente da neta Beatriz, que lhe quis oferecer dois cachorros de raça corgis. Tudo porque a monarca, então com 88 anos, temia tropeçar nos animais. "Os corgis [de Isabel II] já estão velhos e movem-se devagar, mas um cachorro seria muito mais ativo", explicava ao *Daily Express* uma fonte de Buckingham. Isabel tinha sete anos e estava longe de imaginar que um dia seria rainha quando o pai, futuro rei Jorge VI, levou um corgi para casa. Aos 18 anos, já herdeira do trono, recebeu o seu primeiro cachorro da raça que a acompanhou até ao fim da vida. Tão famosos se tornaram que quando a rainha surgiu numa cena de James Bond, especialmente gravada para a cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos de Londres em 2012, podem ver-se dois corgis a correr ao lado de Isabel II e do ator Daniel Craig. Mas não é só com os cães que se materializa a paixão de Isabel II pelos animais. Já passados os 90 anos era ainda frequente vê-la a dar passeios a cavalo. Uma atividade que terá começado aos três anos. Dona de vários cavalos, Isabel II era presença constante nas corridas, sobretudo Ascot.

pantomima em Windsor. Além de as animar a elas e aos restantes habitantes do castelo, angariavam dinheiro para ajudar as crianças. Mas, à medida que os anos passavam, Isabel quis fazer mais pelo seu país. E depois de muito insistir para o pai a deixar alistar-se no Exército, foi já prestes a fazer 18 anos que conseguiu autorização para entrar no Women's Auxiliary Territorial Service, a ala feminina das Forças Armadas britânicas. E, se não estavam na linha da frente dos combates, estas mulheres tinham um papel essencial no apoio aos militares, fosse como operadoras de rádio, a conduzir ambulâncias ou a disparar as antiaéreas.

Isabel recebeu treino como mecânica e aprendeu a conduzir carrinhas e camiões. Foi nesta época que nasceu a sua paixão pela condução, não sendo raro vê-la muitos anos mais tarde, já velhinha, ao volante do seu todo-o-terreno. E, em 2003, até deixou sem jeito o rei da Arábia Saudita, país onde na altura as mulheres não podiam conduzir, quando o levou a dar uma volta de carro por Balmoral.

Vista muitas vezes de uniforme durante o tempo em que serviu no Women's Auxiliary, Isabel levou a sério as suas tarefas e manteve a discrição, procurando minimizar o impacto que a sua presença podia ter nas colegas.

Terminada a guerra e com um ambiente mais leve a apoderar-se da sociedade britânica, a jovem princesa pôde voltar a pensar no amor. A primeira vez que Isabel viu Filipe foi em 1934, no casamento da princesa Marina da Grécia com o duque de Kent. Os dois voltariam a encontrar-se no verão de 1939, durante uma visita dos reis ao Royal Naval College, em Dartmouth. A princesa tinha 13 anos e ficou fascinada com o charme do jovem marinheiro de 18.

Mas teria de esperar até 1946 e ao regresso de Filipe a Inglaterra – após o final da guerra no Japão – para que o romance começasse. Os reis desconfiavam daquele filho de um príncipe grego com irmãs casadas com oficiais nazis. Mas, perante a obstinação da filha, Jorge VI acabou por dar autorização para o casamento. A cerimónia teve lugar a 20 de novembro de 1947 na Abadia de Westminster e a noiva levava um vestido cujo tecido fora comprado com cupões de racionamento. Em 1997, pelo 50.º aniversário de casamento, Isabel II fez o elogio público do marido, que faleceria em abril de 2021: "Ele tem, simplesmente, sido a minha força durante todos estes anos". Seria ele que lhe anunciaria a morte do pai em 1952, fazendo dela rainha aos 25 anos.

helena.r.tecedeiro@dn.pt

EPA/ANDREW MILLIGAN / POOL

Na última terça-feira, 6 de setembro, a Rainha recebeu Liz Truss em Balmoral para lhe dar posse como chefe de governo. Foi o 15.º com quem conviveu como monarca e a terceira mulher no cargo.

PRIMEIROS-MINISTROS PARA TODOS OS GOSTOS

Em 70 anos de reinado, Isabel II teve 15 primeiros-ministros, desde Winston Churchill, com quem partilhava a paixão pelos cavalos, até Liz Truss, a quem deu posse em Balmoral na terça-feira, dois dias antes de morrer.

TEXTO **ANA MEIRELES E HELENA TECEDEIRO**

"A rainha não é de esquerda nem de direita. Ela mete todos os políticos no mesmo saco." Esta definição dada por Edward Ford, conselheiro de Isabel II entre 1952 e 1967, é quase perfeita. Durante o seu reinado teve 15 primeiros-ministros, mas independentemente dos seus gostos pessoais, terá seguido quase sempre os poderes avançados por Walter Bagehot em 1867 no livro *A Constituição Inglesa*: "formular avisos, incentivar e dar conselhos".

A moderação de Isabel II é talvez o motivo porque as relações com Margaret Thatcher, que liderou um governo conservador entre 1979 e 1990, foram tumultuosas. A coabitação até começou bem, como ficou demonstrado pelo apoio da rainha à política de austeridade e à guerra das Malvinas. A separação começou em meados dos anos 80 por causa da greve dos mineiros e dos riscos de rotura da Commonwealth devido à ausência de sanções contra o *apartheid* da África do Sul.

Uma relação bem diferente da que teve com os chefes de governo no seu início de reinado, marcada por um tom mais paternalista, mas dos quais acabou por se emancipar. O primeiro foi também o favorito de Isabel II. Winston Churchill (1951-55) foi o seu mentor e uma espécie de pai após a morte de Jorge VI. Gostavam dos seus encontros semanais, riam e tinham em comum o gosto por cavalos.

Os senhores que se seguiram, todos conservadores, foram Anthony Eden (1955-1957), conhecido pela desastrosa expedição no Suez em 56, e Harold Macmillian (1957-1963), com quem verdadeiramente se emancipou. Eden achava a rainha uma pessoa com quem era fácil conversar e confiar, Isabel II considerava-o um bom ouvinte. Os dois terão falado muito sobre o possível casamento da princesa Margarida e o divorciado capitão Townsend, mas também sobre o Suez, cujos planos se pensa não agradavam à monarca. Diz-se que a rainha gostava do talento para os mexericos

FIONA HANSON / POOL / AFP

Com Margaret Thatcher, Isabel II nem sempre teve uma relação fácil.

Winston Churchill foi o primeiro chefe de governo com quem a monarca conviveu. Foi o seu mentor e uma figura paterna após a morte do seu pai, o rei Jorge VI.

AFP

Um banho de multidão acompanhado de perto pela recém-criada RTP

Isabel II tinha 30 anos e era rainha há cinco quando, a 18 de fevereiro de 1957, chegou a Lisboa a bordo do *Britannia* e desembarcou com o marido no Terreiro do Paço para a que foi a mais espetacular visita de um chefe de Estado a Portugal no séc. XX. À sua espera tinha o Presidente Craveiro Lopes e uma multidão de populares, cenário que se repetiu no cortejo que fez pela capital. Com a ditadura cada vez mais pressionada internacionalmente por causa da política colonial, Salazar resolveu não olhar a despesas para fazer da visita da rainha um momento digno de notícia mundo fora. A receção entusiasta não se limitou a Lisboa, tendo-se repetido em Setúbal (na foto), Alcobaça e Nazaré, ao longo de cinco dias. A visita foi também o primeiro grande acontecimento acompanhado pela recém-criada RTP. Isabel II voltou em março de 1985, a convite de Ramalho Eanes.

ARQUIVO DN

políticos de Macmillian, ele valorizava o interesse da monarca pelos assuntos internacionais.

Durante um ano, teve como primeiro-ministro Alec Douglas-Home (1963-1964), um aristocrata escocês amigo de infância da rainha-mãe, sendo o primeiro chefe de governo do qual Isabel II era verdadeiramente próxima. "Ela adorava o Alec, ele um velho amigo", disse um ajudante.

A relação com os trabalhistas Harold Wilson (1964-1970 e 1974-1976) e James Callaghan (1976-1979) foram marcadas por tom de grande cordialidade. Wilson gostava dos seus encontros semanais com a rainha, pois eram as únicas alturas em que podia falar com alguém que não lhe queria roubar o emprego. Consta que Isabel II também gostava destas reuniões, dizendo-se mesmo que, depois de Churchill, Wilson foi o seu primeiro-ministro favorito. "Harold gostava muito dela e ela retribuía o sentimento. Ele fazia-a sentir-se à vontade, contou a então ministra Barbara Castle.

Pelo meio houve o conservador Edward Heath (1970-1974), que ficou para a história como o chefe

> O primeiro de todos foi também o favorito de Isabel II. Winston Churchill (1951-55) foi o seu mentor e uma espécie de pai após a morte de Jorge VI. Gostavam dos seus encontros semanais, riam e tinham em comum o gosto por cavalos.

de governo que levou o Reino Unido para a então Comunidade Económica Europeia. A relação entre os dois não foi fácil: Heath não tinha jeito para conversa de circunstância, não se sentia à vontade com mulheres e não partilhavam a mesma visão da Commonwealth, algo muito caro à rainha. Mas os problemas na Irlanda do Norte acabaram por uni-los.

O relacionamento com o *tory* John Major (1990-1997), o sucessor de Thatcher, era bom e os dois apoiavam-se mutuamente: Major tinha pela frente a Guerra do Golfo e problemas na economia, a rainha enfrentava a separação e divórcio do príncipe Carlos. No entanto, a rainha não lhe perdoou a decisão de retirar do serviço o iate *Brittannia*.

Nascido um mês antes da coroação de Isabel II, Tony Blair foi eleito em 1997, tendo sido o trabalhista por mais tempo no cargo: dez anos. A monarca recusou o convite para o tratar por Tony e não tinha em grande conta os conselhos que este lhe dava sobre os problemas da família real, ao contrário do que acontecia com Major. Após dez anos de Blair, chegou Gordon Brown (2007-2010), alguém que a rainha sentia compreender. Conta-se que a rainha por vezes imitava o sotaque escocês do trabalhista.

A eleição de David Cameron (2010-2016), um conservador moderado, marcou o regresso das famílias tradicionais abastadas à liderança do governo britânico, o que não acontecia desde Douglas-Home. Uma proximidade que não evitou que a relação entre os dois tivesse momentos menos agradáveis, como em 2014, quando as sondagens sobre o referendo da Escócia indicaram que o sim pela independência podia ganhar.

Theresa May, eleita em 2016, foi a segunda mulher que Isabel II teve pela frente. E houve o rumor de que a rainha não gostara do facto de May não a informar sobre a estratégia do governo para o Brexit.

Brexit esse que acabaria por levar à queda de May e à eleição de Boris Johnson como líder conservador e, logo, primeiro-ministro, em julho de 2019. Foi precisamente a saída do Reino Unido da União Europeia que marcou a relação entre os dois, apesar de em público a rainha e o seu primeiro-ministro terem sempre mantido um relacionamento cordial. Em abril de 2020 a monarca enviou os seus "melhores votos" a Boris e à mulher, Carrie Simmons, após o nascimento do primeiro filho do casal.

Mas o próprio Boris acabaria por ter de se demitir após perder a confiança do seu partido, na sequência de vários escândalos, entre festas em Downing Street durante o período de confinamento mais duro da pandemia e uma onda de demissões no governo após notícias sobre vários escândalos sexuais envolvendo deputados conservadores, um deles envolvendo Chris Pincher que Boris nomeara para o governo apesar de ter sido informado previamente das acusações contra ele por agressões sexuais.

A escolha para lhe suceder recaiu sobre Liz Truss, eleita líder dos *tories* e a quem Isabel II deu posse como primeira-ministra na terça-feira, em Balmoral, dois dias apenas antes de morrer, tornando-se na terceira mulher chefe de governo com que Isabel II conviveu.

ana.meireles@dn.pt
helena.r.tecedeiro@dn.pt

DO "CORAGEM E DEDICAÇÃO" AO "FIM DE UMA ERA"

As reações à morte de Isabel II não tardaram a chegar. Da Europa à América, passando pela Austrália e outros países da Commonwealth, todos, sem exceção, destacam o legado deixado pela monarca que mais tempo serviu o Reino Unido.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

LUSA/PA/ DOMINIC LIPINSKI

Isabel II recebeu Marcelo Rebelo de Sousa na última visita oficial de um representante português ao Reino Unido, em 2016, na altura recém-eleito.

"Uma âncora de estabilidade" nos tempos mais difíceis, caracterizou Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia; Justin Trudeau, primeiro-ministro do Canadá, falou numa "presença constante" nas vidas de todos os canadianos; "um exemplo de coragem e dedicação", considerou o Presidente da República português.

Ao final da tarde de ontem, o reinado de Isabel II chegou ao fim. Aos 96 anos, a rainha que mais tempo esteve ao serviço da coroa britânica, morreu. E as primeiras reações não tardaram a chegar. Um pouco por todo o globo, os chefes de Estado e de governo evocaram a memória de Isabel II. Por cá, além de Marcelo Rebelo de Sousa – com quem esteve em 2016, na última visita oficial portuguesa ao Reino Unido –, o primeiro-ministro, António Costa, recordou uma figura que "marcou a história britânica desde a segunda grande guerra", enviando condolências a toda a família real e aos britânicos.

Em Espanha – uma das 12 monarquias europeias –, o rei Felipe VI destacou os serviços da rainha em prol do Reino Unido, a que chamou "um exemplo para todos" e "um legado sólido e valioso para as gerações futuras". Outras monarquias, na Suécia e na Noruega, também recordaram a "dedicação" e o "sentido de dever" de Isabel II. Da Alemanha foi o presidente, Frank-Walter Steinmeier, a enviar condolências. "Viveu e escreveu a história contemporânea. É uma mulher que moldou um século", afirmou numa carta de condolências à família real britânica.

Por outro lado, o Papa Francisco confessou-se "profundamente triste" com esta morte, destacando a "vida incansável da rainha" e o "exemplo de devoção ao dever".

Já o primeiro-ministro irlandês, Micheál Martin, considerou que a morte da rainha representa "o fim de uma era". Tendo sido a primeira monarca britânica a visitar a Irlanda desde a sua independência em 1921, Martin destacou a importância do ato, considerando-o "um passo crucial" na normalização de relações entre as partes.

Pela Austrália, o primeiro-ministro, Anthony Albanese, prestou homenagem a Isabel II, elogiando "um reinado histórico e uma longa vida dedicada ao dever, à família, à fé e ao serviço" da realeza. Sendo a última monarca reinante a visitar a Austrália, Albanese frisou: "Era claro que a Sua Majestade tinha um lugar especial no seu coração" para o país.

Por sua vez, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, considerou Isabel II "mais do que uma monarca", descrevendo a rainha como "uma estadista de dignidade e constância incomparáveis". Também Barack Obama, presidente dos EUA entre 2009 e 2017, saudou o reinado que, considerou, foi definido pela "graça, elegância e um sentido de dever inalterável". Antes, já Donald Trump tinha elogiado o "extraordinário legado de paz e prosperidade" que Isabel II deixa no Reino Unido. "O seu sentido de liderança e diplomacia ajudou a estabelecer e fortalecer as alianças com os Estados Unidos e outros países em todo o mundo", afirmou na rede social Truth.

rui.godinho@dn.pt

"O seu reinado definiu a história do seu país e do nosso continente. Simboliza o melhor do Reino Unido, as suas pessoas e os seus valores."

Ursula von der Leyen
Presidente da Comissão Europeia

"Foi uma presença constante nas nossas vidas e o seu serviço aos canadianos permanecerá para sempre uma parte importante da história do nosso país."

Justin Trudeau
Primeiro-ministro do Canadá

"O nosso mundo está um pouco mais pobre por causa da sua morte, mas muito mais rico e melhor como resultado da sua longa vida."

Micheál Martin
Primeiro-ministro da República da Irlanda

"Permanecerá para todos um exemplo de coragem, de dedicação, de estabilidade e inabalável sentido de serviço público."

Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente da República